ano 2

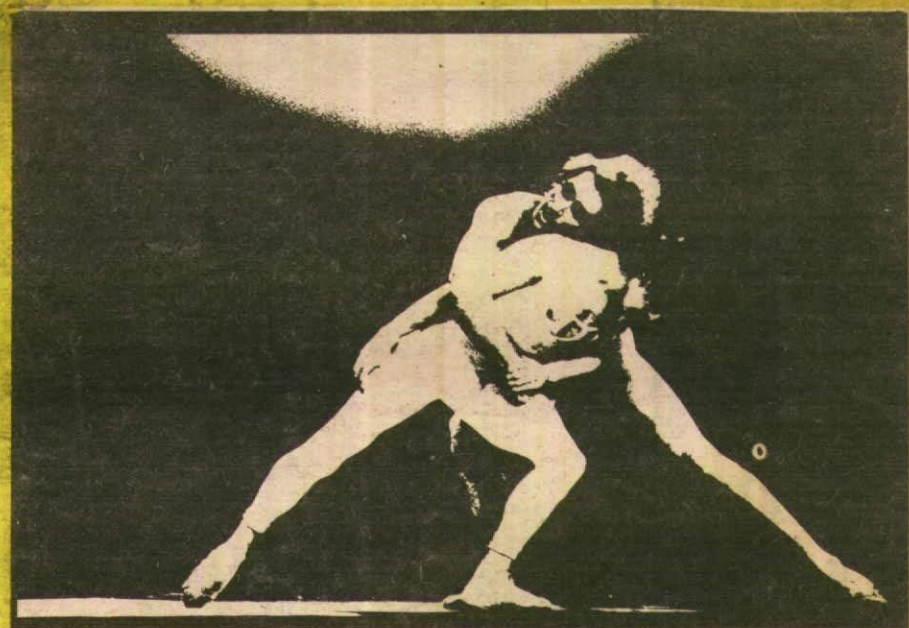
LAMPIÃO da esquina

n.º 13 — Junho de 1979 — Cr$ 20,00

Leitura para maiores de 18 anos

de sodoma a auschwitz

A MATANÇA DOS HOMOSSEXUAIS

homens, pássaros, aviões? não. são OS MENINOS DE BÉJART

um roteiro só para entendidas

uma praça chamada republica

entrevista: os embalos de calmon

fernando pessoa: poeta ou macho-man?

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores — Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Zsu Zsu Vieira, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Miccolis, Nélson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Eduardo Dantas, Cynthia Sarti (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stolz e Wilson Bueno (Curitiba).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid).

Fotos — Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte — Jo Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte final — Edmilson Vieira da Costa.

LAMPIAO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda... CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual: 81.547.113.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203.

Distribuição: Rio — Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo — Paulino Carcanhetti; Recife — Livraria Reler; Salvador — Literarte; Florianópolis e Joinville — Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; Belo Horizonte — Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre — Coojornal; Teresina — Livraria Corisco; Curitiba — Ghignone; Manaus — Stanley Whide.

Assinatura anual (doze números): Cr$ **230,00.** Assinatura para o exterior: US$ 15.

E se Gilberto Freyre também fosse negro?

Sob a cínica pergunta "Racismo no Brasil?", a Folha de São Paulo de 06-05-79 publica artigo assinado pelo Sr. Gilberto Freire, responsável direto pela mítica e furada teoria da harmonia racial brasileira. Ao relativizar nossa situação com a dos outros países, afirma o sociólogo pernambucano: "não sei de país — e tenho estado em meio mundo — onde haja, com todas as deficiências, causadas principalmente por fatores não raciais, tanta harmonia racial". Feito isto, menospreza e minimiza qualquer atitude oficial e organizada em defesa do negro, considerando-a mera imitação do modelo americano: "Tenho notícia de um movimento que se intitula anti-racista em São Paulo. Creio que nele há considerável imitação — voluntária ou organizada — das reivindicações do chamado "negro americano". Ironicamente, na página lateral do jornal, é publicada uma "charge" do cartunista Gê ("Poluição do ar bate recorde na área central"), em que dois brancos se metamorfoseiam em espantados negros, após a passagem de uma nuvem de poluição. Pelo jeito, (e segundo G. Freire), o fato de que não haja racismo no Brasil não impede que exista um espaço para ridicularizar a figura do negro, como exemplo atual de **cidadão poluído**.

Entendo pouco de sociologia e tabelas estatísticas. Mas não é necessária muita sapiência sociologês para perceber que preto no Brasil não é vítima de preconceito racial na medida em que ele **se coloque no seu devido lugar**. Neste sentido, para a olímpica e cândida visão de um componente da aristocracia rural pernambucana, poucos momentos podem ter-lhe servido como experiência vivida de preconceito racial. Isto é um possível resultado de ter escrito a respeito de racismo no Brasil dentro da "Casa" e não dentro da "Senzala". Sustentaria as mesmas teorias o nosso conceituado sociólogo caso ele fosse negro?

No sábado 5 de maio (quando o artigo da Folha estava sendo rodado), quatro amigos (dois negros e dois mulatos, na peculiar diferenciação cromática brasileira), marcam encontro numa nova boite supostamente gay em São Paulo; e atenção ao nome: **266 WEST**, na rua Marquês de Itu. Aproximadamente à meia noite, dois deles são impedidos de entrar, sob a alegação da casa estar lotada. Um deles desconfia, atravessa a rua e constata o ingresso contínuo de elementos brancos. No dia seguinte, conversam com os outros dois amigos pretos com quem haviam marcado encontro e que são vítimas da mesma discriminação, só que às três horas da manhã. Inconformados, pedem pelo menos que lhes seja permitido "dar uma olhada". Também foram impedidos.

Desejo aqui tornar público o meu repúdio a quem discrimina, sabendo que a vítima no caso é duplamente discriminada pela sua condição de preto-homossexual. Faço um apelo para que minha atitude de denúncia se concretize sob forma de boicote por parte de todos os lampiônicos conscientes, freqüentadores da gay-life paulista. **(Jorge Schwartz)**

A palavra dos ofendidos

Já tínhamos programado a publicação de artigo de Jorge Schwartz, quando nos chegou às mãos uma carta, denunciando o mesmo fato — racismo na **266 West** de São Paulo (que, é bom frisar, nada tem a ver com a boate do mesmo nome do Rio) —, assinada pelas quatro pessoas vítimas da discriminação: Wilson Ferreira Menezes, Benê J. dos Santos, Marco A. Ferraz e Orlando S. Paiva contam, em sua carta simbolicamente datada de 13 de maio, como foram vítimas de racismo numa boate para homossexuais:

"Partimos do princípio já constatado de que o homossexual é um sujeito que sofre pressões da sociedade. Normalmente ele procura um ambiente gay para sentir-se bem, tranqüilo, seguro das investidas, sem ter que preocupar-se com os preconceitos da sociedade. Ao procurarmos tal ambiente numa nova casa recém-inaugurada em São Paulo — o bar 266 West — ficamos muito decepcionados.

"Nós quatro havíamos combinado para nos encontrar nesse local no sábado, dia 5 de maio, para conhecer a casa, ver o ambiente e, se fosse conveniente, passar a ser clientes. No entanto, quando as duas primeiras pessoas chegaram ao bar à meia-noite, não puderam entrar, sendo o motivo alegado bruscamente pelo porteiro que a casa estava lotada. Depois de ter atravessado a rua, os dois constataram que grupos de pessoas estavam entrando diretamente sem interferência do porteiro, que, aliás, simplesmente abria a porta para eles.

"A mesma coisa ocorreu com os outros dois colegas ao chegarem ao bar três horas depois; foi alegada a mesma coisa com o mesmo tom grosseiro — Não podem entrar, casa lotada. Ademais, foi-lhes impedida uma mera olhada lá dentro para conhecer a casa.

"Agora colocamos as seguintes perguntas: (1) Qual é o critério empregado que permite a entrada de grupos de cinco e oito pessoas de uma vez logo depois de proibir, a entrada de duas pessoas com o motivo de "casa lotada", sem ter saído ninguém de lá dentro? (2) Que bar em São Paulo fica lotado às três horas da madrugada??? (3) É essa a maneira que uma casa recém-inaugurada recebe seus possíveis clientes, mesmo estando lotada, tratando-os de um modo brusco e proibindo-lhes uma olhada apenas para conhecer o ambiente? (4) Será que o 266 West está fazendo uma seleção para criar um determinado nível de clientela? Se for o caso, perguntamos novamente, qual é o critério empregado? Se é nível cultural, nós todos temos um bom nível. Um conta até com cursos superiores realizados na Europa e nos Estados Unidos. Se é financeiro, nós todos somos contribuintes de imposto de renda. Se é profissional, estamos todos bem empregados: operador de sistemas, professor universitário, bancário e tradutor-intérprete.

"Nós alegamos que a maneira em que fomos recebidos pelo 266 West foi por sermos negros. Aproveitamos a ocasião para acrescentar que o homossexual brasileiro nunca deve se queixar dos preconceitos existentes na nossa sociedade enquanto ele mesmo mantiver determinadas restrições para com o seu próximo de cor."

Estamos aqui, plantados, sempre à espera da chamada "abertura"

No dia 24 de maio os jornais cariocas publicaram uma foto do Ministro da Justiça, Petrônio Portela, atravessando a Av. Rodrigues Alves, no Rio, em direção ao prédio onde, sob o nome de "Imprensa Nacional", funciona o Departamento de Polícia Federal. Na foto, o Ministro atravessa a av. sozinho, sem guarda-costas à vista, em mais uma tentativa de mostrar que está sendo sincero quando diz que "os tempos são outros".

Vendo a foto do Ministro, eu me lembrei de outra foto, feita pela revista Isto É, em que cinco de nós, editores de LAMPIÃO, aparecemos atravessando a mesma av., caminhando em direção ao mesmo prédio. Íamos, então, para a identificação criminal a que teríamos que nos submeter, já que foramos indiciados no inquérito 25/78 do DPF, enquadrados no Art. 17 da Lei de Imprensa, por "ofensa à moral e aos bons costumes". A diferença de tempo entre uma foto e outra era pequena demais, para que acreditássemos, sem nenhuma ressalva, na riqueza de significados que, segundo os jornais que a publicaram a foto do Ministro Portela possuía. Sim, porque, apesar da crescente liberação de temas até há pouco proibidos, o inquérito contra LAMPIÃO continua a circular pelos canais competentes. Agora mesmo, enviado à Justiça Federal com pedido de baixa, ele retornou ao DPF "para novas diligências".

Enquanto isso, o assunto cuja veiculação motivou o inquérito — o homossexualismo — deixou de ser tabu, para se enquadrar entre os mais discutíveis da atualidade. O animador Flávio Cavalcanti chegou mesmo a debatê-lo no mais vigiado de todos os veículos, a televisão: durante três domingos, a cores e via Embratel, pessoas sérias e competentes falaram de homossexualismo concluindo que os homossexuais têm toda razão ao lutar pelo direito de ser o que são, sem que tenham que ser reprimidos por isso. Finda a série de debates na TV, não aconteceu o que os mais radicais esperavam: não houve desagregação da família, nem um substancial aumento no índice de homossexuais, ao contrário, as pessoas, mesmo que não diretamente interessadas nele, acabaram por ficar mais esclarecidas sobre um assunto cuja simples menção, geralmente, já é motivo para receios injustificáveis.

Claro, o inquérito sobre LAMPIÃO, uma vez iniciado, não pode mais parar, a não ser por decisão da Justiça. A ele parece que vai se juntar um outro, agora contra o jornal Repórter e a jornalista Iara Reis, por causa da matéria intitulada "Lésbicas metem o pau na repressão", feita por ela e publicada pelo jornal. Mas, para que ele não se torne uma espécie de monstro pré-histórico e circular como um fantasma nessa época de libertação e abertura, seria bom que fosse, pelo menos, apressado. Do contrário, haverá o risco e continuarmos sendo processados por ter falado, neste jornal, sobre um assunto que, ao mesmo tempo, é livremente dicutido em outros meios de comunicação, muito mais poderosos que esta nossa modesta contribuição à liberdade de expressão que — segundo outro Portela, o Ministro Eduardo, da Educação — deve ser considerado, em qualquer tempo e não apenas nos de abertura, um direito fundamental dos homens; que nós, como o Ministro Portela, também possamos atravessar livremente as nossas ruas e dar a essas travessias o dignificado que nos aprouver. (**as**).

PORTUGAL:

sem bacalhau, mas com muito paneleiro

Chego a Lisboa de trem, vindo de Sevilha. Como o "comboio" atrasou quase três horas, meu tempo na cidade ficará reduzido a duas noites e um dia. Acontece que um dos meus planos é observar diferenças entre o Portugal de agora e aquele da minha última visita, oito anos atrás, sob uma ditadura de extrema-direita, ferrenha e moralista. Além das anotações políticas, pretendo colher dados sobre as conseqüências da brusca mudança em relação às aventuras, principalmente as sexuais e especificamente as homossexuais. Isto, além de tentar estabelecer contatos para LAMPIÃO. Porém tenho alguns fatores contra mim. Primeiro, o tempo exíguo de ação: é um final de Páscoa, portanto a maioria das pessoas deve estar fora da capital; depois, não tenho quaisquer referências de pessoas ou de movimentos de integração, e nem tento obtê-los com meus antigos conhecidos lisboetas, porque estes, se já não morreram, terão viajado, sendo que alguns nem "entendiam" ou eram enrustidos (coisa justificável naqueles velhos tempos).

A única pista me é fornecida no mais puro acaso por um guia turístico que recebo na portaria do hotel e que, inexplicavelmente, é escrito em alemão; ao procurar um bom restaurante, para compensar os sanduíches do trem, encontro na lista das casas noturnas o nome de uma discoteca que também apresenta **shows** de travestis. Tentar contato com grupos de conscientização homossexual através do consumismo deste — e dos mais comercializados, como é o travestismo —, me parece bastante errado; mas não tenho outro jeito. Telefono e falo com um dos proprietários do **Rocambole**, e quando cito LAMPIÃO e a minha intenção de contatos, gentilmente ele me convida para conhecer o local.

Como tenho tempo, irei jantar antes. Os restaurantes que eu conhecia decairam, informa-me o porteiro do hotel, que tenta me encaminhar para uma casa de fados, com um grupo de franceses e alemães já formados em posição de ataque no **hall** do hotel. Mas eu reluto em ser turista de manada e nessa noite quero jantar bem. Recomendam-me o **Celta.** Ótimo, aliás.

As pessoas, no Portugal de agora, gostam e podem finalmente falar de política. Deles e nossa. E começam os contrastes: o chofer de táxi que me conduziu ao hotel era um nostálgico da ditadura. O dono do restaurante, por sua vez, teve um período de participação ativa na revolução — "todos participaram", diz ele —, mas depois a situação foi ficando tão confusa que preferiu acomodar-se na rotina do trabalho. "A mudança era necessária — ele explica —, e a experiência de liberdade está valendo a pena, mas como é natural, certas coisas andam bem piores que antes. O **bacalhau**, por exemplo, só se consegue no câmbio negro, e por preço três vezes mais alto. Já pensou em Portugal sem bacalhau?"

O *Rocambole* é gênero **privêe:** toca-se a campaínha, paga-se um ingresso. O bar é no rés do chão e a discoteca no subsolo, com um palco mínimo para o **show.** Os garçons são escolhidos a dedo (bem, a dedo é modo de dizer...). Aliás, não deve ser difícil encontrar gente interessante para essas funções, porque ainda são poucos os locais para tanta gente entendida bonita; e a safra portuguesa que está saindo à luz da pós-revolução é excelente. O ambiente é bastante eclético, o que me parece agradável, porque tira aquela impressão de festinha dentro do gueto.

Marcado pela improvisação e por um certo primitivismo instintivo, o **show** é mantido por quatro elementos que "se viram" para trocar rapidamente de roupas e manter o **time** do espetáculo. Esse mesmo primitivismo me faz pensar se o exagero dos travestis de **shows** de São Paulo e Rio atualmente, na base de plásticas, silicone e hormônios, não será mais uma necessidade de realização pessoal que uma criação artística propriamente, porque, nesses casos, a simulação feminina chega a tais perfeccionismos, alguns irreversíveis, que a única diferença de um **show** de vedetes femininas acaba sendo a impostação mental do espectador. O pequeno **show** do **Rocambole** lembra as coisas do gênero produzidas há dez anos atrás no Rio e São Paulo, quando a caricatura e o humor eram as características principais do travestismo de cena.

Um dos travestis encerrava nessa noite a sua temporada de atuações, por coincidência o dia (e a noite) do seu aniversário. No palco, ele era uma figura alta e magra, de ombros largos, ossudos e cadeiras estreitas (se tivesse praticado esportes poderia ter um bonito corpo masculino). Obtinha a simulação da feminilidade com maquilagem, uma possível depilação do peito e braços, e recursos de cena. Não se preocupava em fazer a charmosa, nem um caricato, nem a vedete do espetáculo, porque as chances eram iguais para os quatro; porém sua característica principal, daí falar mais dele que dos outros, é ser filho de uma fadista famosa, Maria José da Guia, de quem ele faz uma dublagem. Sou informado que Maria da Guia foi algumas vezes, durante a temporada, assistir ao **show** do filho. Após o **show** sou apresentado a ele, Jack Briden, isto é, Carlos Guia, que me convida para uma champanha comemorativa do aniversário no bar do andar superior. Os quatro artistas vestem então roupas comuns, nenhum deles travestido, e Carlos Guia parece um universitário estudioso, de óculos, cabelos curtos, mãos enormes e corpo meio desconjuntado.

Vem ainda conversar comigo um rapaz mulato, de calças de couro preto e camiseta rendada, que eu já notara na discoteca pelo bizarro do traje, diverso da maioria. Entre outras coisas me diz que atualmente trabalha no Brasil, contratado por uma multinacional do petróleo, estando de férias em Lisboa. É um "ilheu" (nascido na Ilha da Madeira), mas que precisou emigrar para o continente, "porque depois da revolução, quem não concordava (?) era perseguido, porque lá na ilha os homossexuais sempre foram bastante visados".

Apesar de falarmos a mesma lingua, talvez devido ao vinho do jantar, ao champanha e ao cansaço da viagem, não consigo entender a diferença de "antes" do "depois", quando me pareceu haver mais liberdade em todos os setores. Não entendo, principalmente, como um regime opressor porque também moralista, pode ser melhor que outro que o suceda e que lute por liberdades políticas e individuais. Na verdade, esse rapaz me pareceu um dos muitos protótipos desse confuso Portugal, que depois de viver embotado durante 50 anos, de repente acorda, vê vários caminhos pela frente e não sabe por qual deles seguir.

Pergunto ainda ao proprietário da discoteca e a Jorge Rosa, um cartunista de Jornal que ele me apresentou, sobre a existência de movimentos de conscientização. A revolução criou aberturas para todas as reinvindicações virem à luz, portanto, não haveria razão de também o homossexualismo não pedir licença para atuar. Lisboa porém não se manifestou, parece que satisfeita em poder fazer com mais naturalidade aquilo que antes era feito a portas fechadas; mas na cidade do Porto organizaram-se passeatas com flâmulas e cartazes. Mas o próprio povo, ainda desprevinido e despreparado, podou as asas das "corajosas portuenses" e o movimento diluiu-se; é o que me contam.

Saí do **Rocambole** às três da madrugada e o local fervia de gente. Enquanto aguardo um táxi para me levar ao hotel, vejo num outro que passa uma **louca**, muito maquilada e de peruca: Portugal **today**.

Como simples indicação turística, aqui vão algumas dicas lisboetas: O Rocambole fica na Rua da Imprensa Nacional 104-A. Existem vários outros locais bem conhecidos, todos nas proximidades. Por exemplo, o **Bric**, que por constar de guias especializados internacionais, é pródigo em dinamarqueses, espanhóis, franceses, ingleses, etc... Ainda o **Memorial**, O **Scarlaty** e o **Finalmente**. Duas saunas: **Lis**, próxima à Rua São Bento, e outra na Av. Pedro Álvares Cabral. As informações não são muito precisas, reconheço, mas também, tenham paciência porque nem Jesus Cristo conseguiria melhores em um dia e duas noites.

P.S. — (a) O Largo do Rossio ou o Chiado podem ser tradicionais, mas são lugares perigosos. Prefiram bares especializados, onde a gente é bonita e de bom nível. (b) Gritarem "olha a bicha, olha a bicha", não se assuste, pensando estar dando "bandeira": bicha pra eles é fila mesmo. Mas paneleiro é xingação pesada, principalmente quando escrita nas condições em que vi, em letras enormes, rabiscadas na parede exterior da catedral de Coimbra. Lá estava: "Vote em Otelo para Presidente". Por cima, com outra letra e em outra cor, um adversário político acrescentou: "É paneleiro"...

Darcy Penteado

Os meninos do "Rocambole": muito humor e talento, nada de silicone

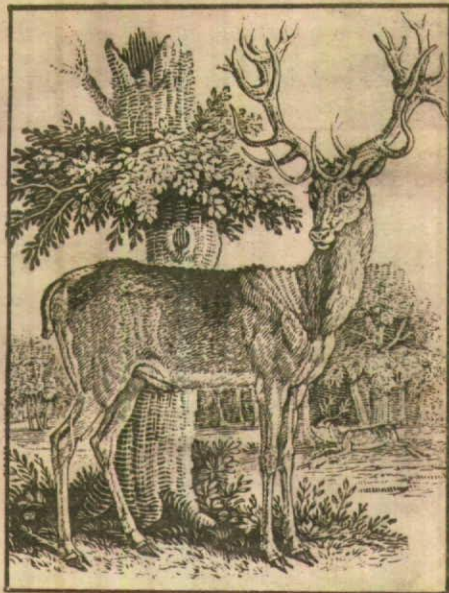
Jack Briden, o filho de Maria da Guia

"Shirley": breve, nas livrarias

No número anterior de LAMPIÃO publicados dois trechos do roteiro de Shirley, *escrito por Leopoldo Serrano para um filme que foi provisoriamente retirado de produção, com um desafio: que aparecesse um editor ousado para publicá-lo. Três dias depois de o jornal chegar às bancas, o editor já aparecera: Jaguar, da Codecri (O Pasquim) telefonava aos lampiônicos, completamente histérico, em busca do telefone de Serran, pois queria publicar* Shirley *a qualquer preço.*

Ficamos satisfeitíssimos, é claro. Não só porque essa era mais uma prova da nossa "força" (pois é: ela também *está conosco), como também, porque a gente tem um interesse todo especial no roteiro de Leopoldo Serran — que conta a história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. O livro vai ser* best-seller, *a gente nem duvida.*

E pra continuar com o embalo, aí vai outro desafio: ô, Gilberto Mansur, da Editora Cultura: em que ficaram as negociações com Manoel Puig? Estamos a fim de ler, em português, o magistral Beijo da Mulher Aranha. *Quando é que sai?*

Para os meninos, mais um roteiro. Niterói e Bê-Agá

As meninas se movimentaram no Rio e São Paulo, e fizeram seu roteiro no maior capricho. E os meninos? Andam meio preguiçosos, apesar das promessas (até aqui não cumpridas) de Celso Cúri e Eduardo Dantas, de bolar um roteirão com toda a parafernália de lugares gueis da Paulicéia (o roteirão do Rio sairá no próximo número). Enquanto isso, aí vão dicas masculinas de Nictheroy, a cidade de Ararigbóia (atenção cariocas: o outro lado da baía anda quentérrimo), e de Belo Horizonte, onde o prazer há muito tempo deixou de ser privilégio da Tradicional Família...

Não se pense que, em silêncio, como costumam fazer os mineiros, os niteroienses também não deixam cair, e cair adoidado. E nem se pense que Niterói não tem locais para isto. Menas verdade. Todo dia sabe-se de um barzinho novo especializado em entender de **entendidos**. Ou de uma sauna nova com aquele algo mais que toda sauna que se presa tem para oferecer.

Entre os barzinhos, o mais novo é o **Pappus**, situado em São Francisco, de frente para a praia. Faz o gênero discreto e aconchegante e é uma boa pedida. Quando começou ainda não "entendia" muito não, mas agora já está pintando como um bom lugar guei da cidade.

Quanto a sauna, foi inaugurada recentemente mais uma sauna **Lider**, no final da Avenida Roberto Silveira, e que veio se juntar a que já existia na Pereira da Silva, ambas em Icaraí. Já a Termas Icaraí, que ficava na Moreira César, fechou, há algum tempo, ao que dizem as más línguas, porque não chegou a compreender a necessidade de fornecer o "algo mais" a que já nos referimos.

Nas saunas Líder funciona um sistema muito especial: para fazer "aquilo" praticamente fica-se obrigado a fazer massagem. Isto porque a casa só dispõe de quartos individuais, cada um deles tendo à frente um massagista mais deslumbrante que o outro. E há também as massagistas femininas. Sacaram? Vocês tanto poderão escolher um jovem e guapo mancebo quanto uma bela e saudável senhorita. E é aí que a porca torce o rabo — ou melhor: é na hora da escolha que vocês se revelam. Mas, tudo bem, porque acontece, como já disse, entre as quatro paredes de um quarto individual, que é o do massagista escolhido pelo freguês. Outro detalhe "escabroso": o pagamento pela massagem (ou "serviço extra", se vocês acharem melhor a expressão) é feito diretamente ao massagista. E é claro que as taxas variam de massagista para massagista. Se vocês chamarem isto de **michê** estarão acertando exatamente no alvo, meus amores. Ah, antes que eu me esqueça: trata-se de uma sauna mista.

No capítulo dos barzinhos, ainda temos que relacionar, e recomendar, o **Bar Lá**, na Pereira da Silva, quase esquina de Gavião Peixoto, em estilo casa antiga, todo fechado e, lá dentro, bastante **fechativo.** Há também o Eros & Anteros, na Moreira César, sempre em Icaraí.

Um registro a parte merece o **Chalé**, na esquina da praia com a Miguel de Frias, que está ameçado de fechar para ser transformado em lanchonete, imaginem vocês. Trata-se do bar da intelectualidade e da boêmia da Zona Sul da cidade, sempre frequentado por quem **é** e por quem **não é**, que lá nunca houve destas distinções. Aberto, em todos os sentidos do termo, se tornou um ponto de encontro e de badalação obrigatório. Seu fechamento, já anunciado pelo proprietário, Jerônimo Alves Monteiro, está provocando debates acalorados e protestos generalizados, e até um movimento de seus habituais frequentadores, que estão se cotizando para comprar o bar, sob um esquema de cooperativa. Uma passeata de protesto ao longo de toda a praia de Icaraí já foi feita e as declarações de repúdio à tentativa infeliz de criar mais uma lanchonete onde sempre funcionou o barzinho mais folclórico da cidade se sucedem. Como a do advogado Paulo Nunes, que nunca foi de esconder o jogo sobre si mesmo, e cujo tom a declaração enfática realmente não deixa a menor dúvida em ninguém: — Vou me sentir órfão se isto acontecer! **(Carlos Alberto Miranda)**

As dicas de Belo Horizonte nos foram enviadas por um leitor que utiliza o pseudônimo de Henrique Filho (este, como vocês sacam, é o nome do cartunista Henfil; daí, começamos a pensar que quem mandou a carta foi um dos personagens dele, o Fradim...). Ele avisa que "não é muito **rueiro** nem boêmio", e que, por isso, só conhece **alguns** lugares gueis em Be-agá. A julgar pela vendagem de LAMPIÃO na capital mineira — já é a terceira cidade em vendas —, a gente diria que lugares gueis nessa cidade deve haver muito mais, Henriquim...

Atenção, pessoal que visita Belô: aí vão as dicas.

Chez eux ("Em casa deles", informa Henrique Filho, "para quem não entende francês"). Rua Alagoas, logo após a Getúlio Vargas. Não tem como errar, pois é em plena zona comercial da cidade. É só pegar o ônibus "São Pedro" (Goitacazes, esquina com Rio de Janeiro), que ele percorre toda a Rua Alagoas e — **of course** — pára em frente à boate.

Brulé, na Avenida Álvares Cabral,1.200. Aos sábados é uma curtição. Bastante arejada em relação às outras. Situada num lugar muito agradável.

Alegro, na Rua Timbiras, 2.758 (esquina com avenida Amazonas). Espaçosa, tem área reservada, sem muito barulho, para gente conversar. E um hotel ao lado.

La Rue, na Avenida do Contorno, 9.946, quase esquina com Av. Augusto de Lima. É bem agradável. Tem uma saleta no subsolo onde as pessoas podem ficar mais à vontade.

Primeiro Passo é um bar, no mesmo quateirão da **Brulé**. É o mais ajeitadinho.

Sauna **Sana**, na Rua Aimorés. Henriquim diz que "já ouviu falar", mas nunca foi lá. Por isso, não pode dizer que tipo de atrações ela oferece.

Lugares não exclusivamente gueis, mas onde há clima:

Stage Door, no Teatro Marília (Av. Alfredo Balena, perto da Faculdade de Medicina). Dá de tudo: a patota das artes, estudantes, gueis etc...

Galeria Maleta (Av. Augusto de Lima, esquina com Rua Bahia): quem não adora uma boa galeria? Aos sábados, a Maleta é uma verdadeira folia beagaense.

Praça Raul Soares: há dois bares com uma certa freqüência guei. Um recado de Henrique Filho: "aos menos avisados, cuidado com a travessia desta praça durante à noite. Constantemente há assaltos. Eu já tive dois colegas assaltados lá."

Henriquim fala de outros lugares que, na opinião dele, são **de baixo astral** — "Sou filho de classe média, portanto, um pouco burguês":

Av. Afonso Pena (entre Rodoviária e Praça Sete): na Rua Caetás, quase esquina com esta avenida, há um bar. Cinemas: **Metrópole** (Rua Bahia com Goitacazes); **Jacques**, na Rua Tupis, e **Brasil** (Praça Afonso Pena).

Devolvam já o Tabuleiro

Cruzes! Vocês já viram o que fizeram do antigo Largo da Carioca, no Rio, depois que por ali passaram as obras do Metrô? Transformaram o antigo largo (?), com suas árvores frondosas (lembram-se, meninos?), tão propícias não só ao aconchego dos casais de namorados, como também ao passeio dos entendidos de então, numa espécie de paisagem lunar, fria, asséptica, desumana — e antiestética, com todos aqueles monumentos ao cimento vivo que eles colocaram lá e que, se não me engano, eles chamam de respiradouros.

Pra mim o Metrô mais parece Átila, o rei dos hunos, que ficou conhecido como "o flagelo dos deuses" — aquele que onde pisava a grama nunca mais nascia; o Metrô, por onde passa, deixa uma devastação tão grande que nem dá para falar. Assim, eu me quedo mudo e sorumbático. Mas nem por isso vamos deixar passar tudo isso sem mais nem menos: queremos de volta as árvores, o Teatro de Arena que ficava ao lado do Convento de Santo Antônio, e mais os bustos de Carmem Miranda e Francisco Alves, que foram tirados de lá por causa das obras e jamais devolvidos.

E queremos de volta o Tabuleiro da baiana também, com sua cobertura de tão saudosa memória, onde, abrigados da chuva ou do sol, esperávamos os bondes que ali faziam ponto. Com sua deliciosa pegação em pé, na parte de trás, os bondes, sabemos bem, é que não voltam mais, **mesmo**. Mas quanto às árvores, os bustos da Pequena Notável e do Rei da Voz, o Teatro e o Tabuleiro, não há perdão nem esquecimento; cobraremos sua devolução até a morte. Tenho dito. (CAM).

Viva São Paulo

Um roteiro para mulheres

Nós, as mulheres homossexuais que participamos do número anterior deste jornal, resolvemos responder às várias cartas solicitando um roteiro especificamente nosso. Pensamos fornecer às interessadas o maior número possível de dados sobre os bares, restaurantes e discotecas do guei feminino em São Paulo. Queremos deixar claro que não estamos propondo o gueto e sim, expondo o gueto. Fica aqui a sugestão para que se apresentem roteiros de outras cidades.

CACHAÇÃO

Existe há três anos; nova administração: cinco meses. Frequência: 90% homossexual. A nova administração tem como proposta tornar o local um ambiente fechado, objetivando elevar o nível dos frequentadores.

Cachação — BAR/drinques e lanchonete.

Rua Martinho Prado, 25. Funciona de segunda a segunda, a partir das 18 horas. Preço médio da bebida: Cr$ 35,00; cerveja, Cr$ 30,00 e os lanches custam Cr$ 25,00. Possui 15 mesas, com capacidade para 60 pessoas. O atendimento é feito por seis garçons. Como diversão, apresenta música eletrônica e fliperama.

ENTREVISTA COM TEKA, UMA FREQUENTADORA:

P. __ Há quanto tempo você conhece este local?

R. __ Conheço há dois meses. Vim ao Último Tango e, na saída... saquei.

P. __ O que você vem fazer aqui?

R. __ Venho ver as pessoas, bebericar, namorar, jogar fliperama.

P. __ Que tipo de pessoas freqüenta este lugar?

R. __ Entendidas e alguns acompanhantes.

P. __ O que você acha das instalações e do atendimento?

P. __ É legal! O lugar é aberto, dá pra olhar a rua e o bar ao mesmo tempo. É barato e escurinho.

P. __ Como você acha que deveria ser um lugar entendido ideal?

R. __ Ah! Música legal, leve assim, luz escura também... Aberto e livre, sem homens de bigodes.

ANJO'S

Existe há cinco meses. Nova administração: dois meses. Futuramente será iniciado o serviço de petiscos.

Anjo's Drink — Ponto de encontro.

Rua Consolação, 1394, esquina com Rua Sergipe. Bar funciona de segunda a segunda a partir das 19 horas. Preço dos drinques: variam de Cr$ 30 a Cr$ 50,00. Uísque estrangeiro, Cr$ 120,00; nacional, Cr$ 60,00; cerveja, Cr$ 20,00. Possui 22 mesas com capacidade para 100 pessoas em dois ambientes. O atendimento é feito por dois garçons. As músicas são de **tapes**, a iluminação é com luz negra. Todas as quartas e sábados há **shows** nos quais o **couvert** artístico é de Cr$ 50,00.

Programação anual: **reveillon**, carnaval e festas. Para este mês está sendo programada a festa do Candomblé.

ENTREVISTA COM MARISA, UMA DAS FREQÜENTADORAS:

P. __ Há quanto tempo você conhece este local?

R. __ Conheci há pouco tempo através de alguns amigos entendidos. Estou voltando hoje pela segunda vez.

P. __ O que você acha das instalações e do atendimento?

R. __ Bem, o local é bem instalado, tem boa iluminação e o estacionamento é fácil. O atendimento é rápido e os preços bons. O que realmente falta é uma freqüência de fregueses mais definidos; às vezes, as entendidas são minoria.

P. __ Como deveria ser um lugar entendido ideal?

R. __ Eu penso que um lugar entendido ideal não deveria existir porque cria-se o gueto. Os homossexuais são discriminados e nós não podemos ser tratados assim, a ponto de termos um lugar específico para ficar, entende? Mas, no momento, diante de nossa realidade, ainda não temos força para sairmos do gueto e termos as mesmas possibilidades que temos dentro dele. Então, nesse sentido, os locais entendidos são necessários e, sendo assim... vale a pena estar aqui.

J.B. DRINKS

Existe há quatro anos. Está com nova administração há sete meses. Até o momento a casa ainda é chamada de **Lady's Bar**, mas haverá mudança do luminoso na porta, para seu nome atual.

J.B. Drink's (ex-Lady Bar)

Rua Major Sertório, 684. Funciona de terça a domingo, a partir das 20 horas. Os preços das bebidas são: uísque estrangeiro, Cr$ 80,00; nacional Cr$ 50,00. Todos os outros drinques têm preço único de Cr$ 35,00, incluindo a cerveja. Preços dos lanches: Cr$ 25,00; petiscos de Cr$ 30,00 a Cr$ 40,00. Possui 17 mesas, com capacidade para 70 pessoas. O atendimento é feito por dois garçons. A música às terças e quartas é com **tape** e, a partir de quinta-feira, a casa apresenta música ao vivo. Possui uma pequena pista de dança. Todas as quintas há um jogo de Bingo com distribuição de prêmios.

Programação anual: **reveillon** com ceia, carnaval, festa do pijama, festa do chapéu, festas juninas, festa do branco. Para este mês está programada a festa do vinho quente.

CRISTINA, UMA FREQUENTADORA, RESPONDE:

P. __ Há quanto tempo você conhece este local?

R. __ Há dois anos. Conheci através de duas amigas entendidas.

P. __ O que você vem fazer aqui?

R. __ Venho ver as pessoas, beber, ouvir música e namorar.

P. __ Que tipo de pessoas freqüenta este lugar?

R. __ As pessoas aqui são ótimas, a maioria sendo mulheres que gostam de ouvir um violão e até fazer um sambinha.

P. __ O que você acha das instalações e do atendimento?

R. __ Acho mais ou menos legal! Nunca assisti a briga nenhuma, mas, por outro lado, as instalações são precárias, não vejo nada que se pareça com ar condicionado e as mesas e cadeiras são desconfortáveis. Porém o atendimento é bom, amável, não há repressão. Só acho um pouco cara a cerveja.

P. __ Como você acha que deveria ser um lugar entendido ideal?

R. __ Um lugar ideal... pra mim? Um ambiente art nouveau, com uma livraria especializada; serviço de chá ou café e nas altas madrugadas jazz brabeira, com garçons e garçonetes de caras bem surrealistas, e, é óbvio, sem repressão.

FERROS BAR

Existe há 18 anos. Surgiu em função do extinto Canal 9, que tinha seus estúdios nas proximidades. Desde então, frequentado por artistas entendidas, vem tendo mulheres homossexuais como freguesas constantes.

Ferros Bar Ltda.

Rua Martinho Prado, 119. Restaurante, pizzaria e bar. Funciona de segunda a segunda, a partir das 7 horas da manhã. Os preços das bebidas são: uisque estrangeiro, Cr$ 80,00 a Cr$ 150,00; nacional, Cr$ 40,00. Preço médio dos drinques, Cr$ 25,00. Preço médio das refeições: Cr$ 150,00. Possui 40 mesas, com capacidade para 200 pessoas. O atendimento é feito por oito garçons. Tem dois ambientes (bar e restaurante). Não possui música ambiental e é bastante iluminado. À noite, a frequência é predominantemente entendida.

Entrevista com Nádia, uma freqüentadora:

P. __ Há quanto tempo você conhece este local?

R. — Conheço o Ferro's há quatro anos e freqüento com maior assiduidade há dois anos; até então não tinha tido coragem de entrar aqui sozinha.

P. __ O que você vem fazer aqui?

R. __ O Ferro's é um lugar para se jantar e beber alguma coisa. Aqui a freqüência de entendidas é muito grande e variada. Pode-se paquerar sem maiores preocupações e o lugar é ideal pra se encontrar pessoas. A partir daí, programas os mais diversos podem pintar e a noite pode continuar por muitos caminhos.

P. __ Que tipo de pessoa freqüenta este lugar?

R. __ Como já disse, aqui as pessoas são as mais diversas. Há, sem dúvida, a predominância de tipos mais estereotipados, ostensivos mesmo. É quase impossível identificar-se o Ferro's de dia e de noite como o mesmo bar. É como se as entendidas aparecessem de noite, surgidas não se sabe muito bem de onde, provavelmente dos infinitos escritórios, faculdades, lares e bares.

P. __ O que você acha das instalações e do atendimento?

R. __ As instalações do Ferro's realmente não são as melhores, sobretudo os banheiros, que são pequenos e nem sempre muito limpos. O atendimento é em geral bom, mas como bar tem uma população muito oscilante, nem sempre os garçons são suficientes.

P. __ Como você acha que deveria ser um lugar entendido ideal?

R. __ Deveria ser bar, boate ou mesmo um salão de chá, onde nós entendidas pudéssemos fazer ou falar tudo, sem nenhum tipo de repressão, nem por parte dos freqüentadores, nem dos donos do lugar. Uma coisa de que não gosto são as manifestações violentas, mas estas são exatamente um problema dos lugares, e sim do comportamento homossexual frente à repressão, sabe? É tentar afirmação assumindo um comportamento masculino.

DINOSSAURUS

Existe há um ano e meio. Os proprietários são três mulheres e um homem. Possui ampla variedade de bebidas importadas e funciona com um sistema de **tickets**.

Discoteca Dinossauru's

Rua Major Sertório, 223. Funciona de segunda a segunda a partir das 21 horas. Os preços de entrada são de segunda a quinta, Cr$ 100,00, com direito a dois drinques; sexta-feira, Cr$ 150,00, com direito a três drinques; aos sábados, Cr$ 200,00, com direito a três drinques; aos domingos, a partir das 16 horas, matinê dançante a Cr$ 50,00, com direito a um drinque; e a partir das 21 horas, Cr$ 100,00 com direito a dois drinques.

As bebidas têm o preço mínimo de Cr$ 50,00, inclusive refrigerantes, sendo a dose de uísque importado Cr$ 150,00. De quinta a domingo uma baiana vende petiscos, a caráter. Possui 70 mesas, com capacidade para aproximadamente 500 pessoas. O atendimento é feito por dois garçons. Quanto ao ambiente, tem fliperama a Cr$ 6,00 a ficha; pista central, e a iluminação é qualquer coisa... A música é com **tapes**. A freqüência é 100% homossexual, sendo que 70% é feminina.

Programação anual: **reveillon**, carnaval, festas juninas, baianas, havaianas, da primavera, aniversário da casa, festa da mulata etc... Em breve será instalado no local o "Café Teatro Leila Diniz". Freqüentemente promove **shows** de música popular brasileira.

ENTREVISTA COM CONCEIÇÃO, UMA FREQUENTADORA:

P. — Há quanto tempo você conhece este local?

R. — Foi quando inaugurou a boate, há um ano e meio, através de amigos. Foi também o início de minha vida homossexual.

P. — O que você vem fazer aqui?

R. — Aqui é o local de menor repressão para duas mulheres entendidas namorarem. É isso que venho fazer aqui. Além do que, pode-se paquerar, trocar telefones, beber, dançar, encontrar amigos, conversar, etc... Tem muito espaço e as pessoas ficam à vontade.

P. — Que tipo de pessoas freqüenta este lugar?

R. — A maioria da freqüência é de mulheres (de todos os tipos), apesar de também pintar alguns homens.

P. — O que você acha das instalações e do atendimento?

R. — Entre os locais entendidos, este é o que possui melhores instalações. Essas são boas mesmo: luzes suaves, som legal (apesar da seleção de músicas não ser do meu gosto), e pode-se transar à vontade. O atendimento é rápido e as brigas não são freqüentes (quase não acontecem, a não ser em festas grandes).

ÚLTIMO TANGO

Existe há três anos. A nova administração vem procurando melhorar o nível dos freqüentadores.

Boate Ultimo Tango

Rua Martinho Prado, 29. Funciona às sextas e sábados a partir das 21 horas. Os preços de entrada são Cr$ 100 para homens e Cr$ 50,00 para mulheres. As bebidas custam Cr$ 50,00 (preço único). Possui 20 mesas, com capacidade para 100 pessoas, e o atendimento é feito por dois garçons. Possui luzes de efeito e pistas de dança. A música é com **tapes**.

Durante o ano fazem **reveillon**, carnaval, festas juninas e outras. Todos os sábados há **shows** de dublagem.

FALA MÍRIAM, UMA DAS FREQUENTADORAS:

P. __ Há quanto tempo você conhece este local?

R. __ Faz mais ou menos um ano.

P. __ Que tipo de pessoas frequenta este lugar?

R. __ Infelizmente, as frequentadoras do local são basicamente mulheres representando o estereotipado papel papai-mamãe, fanchona-lady.

Uma praça chamada República

Elas chegam quase sempre em turma. Duas ou três, às vezes mais até em cada grupo, de mãos dadas algumas. De bairros distantes. Se a noite estiver quente, serão mais de mil curtindo a madrugada. E passeiam, cumprimentando as amigas, mexendo com os **bofes**, recebendo gracejos de alguns que ficam parados em cima das pontes sobre o laguinho artificial onde fatalmente se é admirado, medido, curtido. Os olhares se cruzam. Das pontes vai-se até a região central da praça, onde fazem limite o parque infantil (que só funciona durante o dia), o coreto (igualzinho aos das cidades do interior) e uma árvore que se presume centenária. Novos flertes acontecem na passagem em frente aos bancos de cimento das diversas **ruas** que saem dessa zona central. Estamos na praça da República, em pleno coração de São Paulo.

Nove entre 10 brasileiros já ouviram falar dessa praça, o ponto mais famoso da bicharada de São Paulo. E a menção do lugar sempre leva a um comentário maldoso ou gozação, mais pelo fato de ser um antro de bichas do que pelo conhecimento do que acontece de fato naquele quadrado, da marginalidade e da repressão.

Em termos de badalação ou freqüência, a praça perde de longe para a rua Vieira de Carvalho ou o Largo do Arouche, locais considerados mais nobres, **mais classe média, onde o pessoal vai mostrar sua nova camisa Pierre Cardin ou o sapato bico fino que está na moda. Ou o carro do ano que papai está ajudando a pagar. O engraçado é que a Vieira de Carvalho começa na República, mas o pessoal classe média se escandaliza, torce o nariz para a praça. Para irem ao outro lado da cidade (rua Barão de Itapetinga), o máximo que admitem é andar pelas calçadas nas extremidades. Entrar lá dentro, nem mortas!.**

A praça da República já dever ter tido seus dias de glória, pois faz parte do chamado centro velho, que se deteriorou com o avanço da cidade para os bairros da zona sul e os jardins. Naturalmente, há algumas décadas, deve ter sido o ponto de encontro de namoradinhos; devia ser um lugar muito calmo, com suas palmeiras (ainda resistem algumas delas ao progresso) **e outras árvores. Tem até um busto de bronze homenageando Baden Powell (o do escotismo). E bem em frente à praça está o colégio Caetano Campos, onde estudou a maioria do que formam hoje as famílias mais tradicionais (e ricas) da cidade.**

O passeio das bonecas, por mais que faça voltas e ziguezague, sempre vai confluir naquele cantinho da República próximo ao cruzamento da avenida Ipiranga com a São João (lugar quentíssimo também e cantado em versos por Caetano Veloso, lembra-se?). Nesse canto fica o banheiro público. É claro, o banheiro, que sem ele a praça não teria vida, não teria graça. Imundo. Sempre lotado nas horas de badalação (o que fazer? as necessidades fisiológicas...), que pode ser de manhã, de tarde e à noite. O ato de urinar pode demorar horas. Formam-se filas. Muitos olhares. Muitos guardas, fardados de marrom (segurança particular, contratada pela prefeitura). Tudo muito silencioso — apenas o olhar e os gestos garantem a comunicação.

Tem também um porteiro que cobra discaradamente na saída dos fregueses. E deve faturar uma boa nota, porque quase todo mundo deixa sua gorjeta, o preço do sossego. Em frente às grades de ferro que circundam o w.c. muita gente esperando a saída do pessoal. Sozinhos, acessíveis. Alguns nem querem dinheiro.

A praça da República é um monumento vivo aos travestis de São Paulo. Durante o dia é um misto de agitação e paz, a primeira representada pelo corre-corre habitual dos homens de negócio, office-boys, estudantes e donas-de-casa fazendo compras. Cruzam-na quase sem a perceberem, tendo só um objetivo: chegar o mais rápido possível ao seu destino, que pode ser qualquer lugar menos a praça. A paz fica por conta dos velhinhos aposentados que vêm apanhar uns restos de sol sentados nos bancos, sob o embalo do barulho das crianças que brincam na creche que a prefeitura construiu dentro da praça. Alguns conseguem ignorar toda a agitação e cochilar. E os engraxates perto dos pontos de ônibus também estão sempre bem humorados, batem nas caixas e conversam com os fregueses. Madames passeiam com seus cachorros, nos exercícios da tarde.

De noite, como qualquer travesti, a República muda totalmente de aspecto.

Luzes, sombras e escuridão fazem parte dessa área de dimensões razoavelmente reduzidas. Os corredores da praça, onde o joguinho da paquera acontece igual ao de qualquer cidadezinha do interior, com gente passando prá lá e prá cá, recebem toda a claridade das luminárias altíssimas. O mesmo não acontece na região das sombras, isto é, as pontes e embaixo da folhagem das árvores, sem que, por isso, deixem de ser locais muito freqüentados.

A escuridão é privilégio do setor que fica próximo aos tapumes de obras — no local está sendo construída uma das estações do metrô paulistano —, onde casais heteros se acariciam com liberdade. Pouca gente vai lá, talvez devido ao risco de assalto que a escuridão propicia. De qualquer maneira, tudo na praça é feito dentro das regras da moral e bons costumes. Se coisas tiverem de acontecer, acontecerão nos hotéis das ruas Aurora e Vitória (mais ou menos próximas), que cobram por 30 minutos de hospedagem (tem que ser rápido!) o que esse pessoal pode pagar: 40 ou 50 cruzeiros.

É possível que nos velhos álbuns de fotografias seja possível ter uma idéia do que foi a República. Hoje em dia não dá mais, porque foi totalmente devastada — é esse o termo. A praça é horrorosa, maltratada, esquecida de qualquer senso estético. Se as árvores e os patos que nadam na pequena lagoa artificial dão um toque meio ecológico **ao ambiente (aliás, nem os patos estão mais agüentando a barra, pois de vez em quando aparecem vários deles mortos sem se saber direito os motivos), por outro lado, as obras do metrô serviram para acabar de vez com a intenção de se criar algo bonito ali. Isso sem contar com o estrago feito no ponto de ônibus em frente ao colégio Caetano de Campos (onde agora só existe o buracão das obras), que ficará eternamente na memória das freqüentadoras como um dos pontos mais eficientes de pegação da cidade.**

Mas resta uma esperança: imagine-se quão diferente será a futura Estação República das demais paradas do metrô. Vale a pena esperar para ver.

Lady Hamilton é uma nota destoante na paisagem. Blusa de cetim meio espacial, calça branca de preguinhas e outros badulaques diferentíssimos, Hamilton (nome de batismo, né?), 25 anos, instrução superior, causa impacto naquele ambiente de roupas simples e sapatos furados da maioria dos nordestinos que freqüentam a República. Mas Hamilton só vai para lá em último caso, tarde na madrugada, porque sabe que sempre há alguém disponível por ali, pelo menos no fim de semana.

É diferente do problema de Marlene, calça de brim justíssima salientando a anatomia, tamancos arrastados com barulho, dois dentes a menos na boca. Marlene chega cedo (por volta de 22 h.) para poder voltar logo para casa. Está morta de sono, pois acordou cedo para ir trabalhar na fábrica neste sábado.

Mesmo com o frio que costuma fazer nas madrugadas de São Paulo, Roberta está à vontade com seu macacão branco, ombros e braços descobertos, pernas e nádegas bem justas, sapato alto. Está fazendo sucesso. Conseguiu um rapazinho que perdeu o ônibus de meia-noite — como tantos que perambulam pela praça àquela hora — e terá de ficar na cidade até as quatro da manhã pelo menos, já que não têm dinheiro para tomar um taxi. Mas sabe Roberta que grande parte desse pessoal está mesmo a fim de ir para uma cama do hotel...com o único e exclusivo objetivo de dormir.

O relacionamento pessoal na praça é carregado de tensão e medo, por diversos motivos. O mais importante de todos é o preconceito de cor e social (são fatores interligados, não?). Os entendidos mais pobres, ou seja, os negros, imigrantes recém-chegados de outros Estados, operários da construção civil, só contam com a praça da República para suavizar a solidão da cidade grande. Por causa disso também sexuais são claramente marcados no contato público — aparentemente só há bofes **e** bichas **na praça, embora a credibilidade dessa permanência de papéis num contato mais profundo seja discutível.**

Essa pobreza evidente nos elementos que frequentam a República leva a outra conseqüência: o michê, que ali varia entre 50 e 100 cruzeiros, mais os custos da penicilina para curar a posterior doença venérea. O fato é que esses elementos não têm realmente **mais do que três ou quatro cruzeiros no bolso, o suficiente para pagar o ônibus de volta às suas casas, nos bairros do subúrbio. Isso não quer dizer, no entanto, que a transação se dê sempre ao nível de dinheiro: a maioria das bichas garante que nunca pagaram um centavo.**

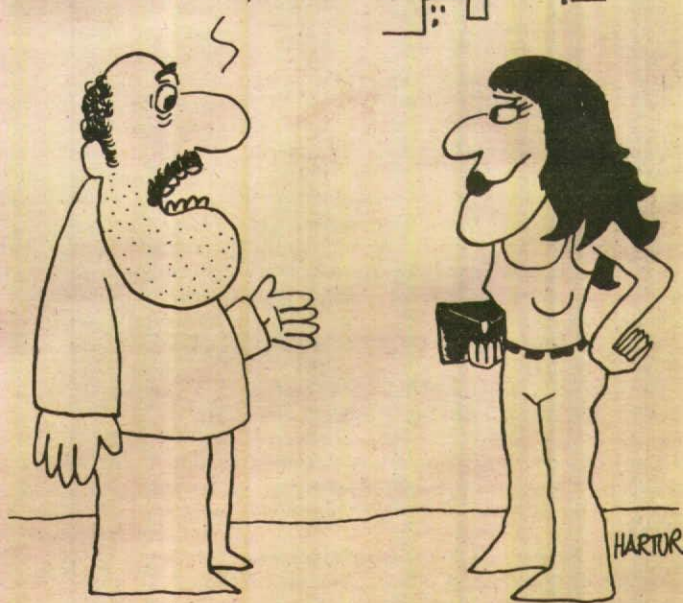
"Corre bicharada que a polícia chegou". O alarme soa e de repente começa a correria para todos os lados. A repressão é diária na praça e aumenta no final da semana. E quando o pessoal está a fim de mostrar o serviço, leva qualquer um, com ou sem carteira profissional assinada, preto ou branco, bem ou mal vestido. Eninguém quer dar uma vacilada desse tipo: passar a noite no xadrez, levar umas bordoadas possivelmente (vai depender de vários fatores, até da lua e de quanto o cidadão carregar consigo em valores). Além disso, muitos ali já têm algum tipo de antecedente e simplesmente não podem **dançar** de novo. Nessas horas vale a lei do sálve-se quem puder.

Geralmente o rapa é feito por volta de meia noite e pouco tempo depois os policiais se retiram. A praça volta a ser do povo, está pronta para receber novos visitantes. Afinal, a noite mal começou...

Eduardo Dantas

Independência, tchê!

Cada cidade tem o seu bixordesco lugar de badalação. A macha Porto Alegre não poderia fugir à regra: é a famosa Avenida Independência, aqui visitada pelo nosso cartunista, Hartur. Na calada da noite, gaúchos de cabelos nas ventas tomam posição na Avenida. É a independência, tchê!

Um protesto contra a rotina da bolinação

"Mulher não é maçaneta: tira a mão daí!"

A multidão diante da agência-JB

As mulheres, com os cartazes denunciando o machismo de Isaac

Sábado, cinco de maio. Final de tarde, para alívio das recepcionistas que estavam de plantão no edifício sede do Jornal do Brasil. O expediente começara e terminaria calmamente se lá pelas 17 horas o editor do "Caderno Internacional", Isaac Piltcher, não tivesse tido uma idéia infeliz: ao passar pela recepcionista, no corredor do sexto andar, resolveu dar-lhe a chamada "bolinada".

Assim, sem maiores escrúpulos, enfiou, sem a menor cerimônia, a mão no decote da moça, apertando-lhe o seio.

Chocada, a jovem — Elaine Ferreira, 19 anos — reagiu de maneira bastante feminina: começou a chorar. E tudo teria ficado por aí se Elaine, ao contrário das vítimas anteriores, não tivesse resolvido botar a boca no mundo. De sua mesa — acompanhada de um repórter que providencialmente chegou a tempo de ver o final da cena — foi ao seu chefe direto, reclamar. Este, por sua vez, falou com o chefe do Departamento, que aconselhou Elaine a ir para casa, garantindo que tomaria as providências cabíveis. Na segunda, ela descobriu que o JB, como em outras empresas, a corda continua arrebentando do lado mais fraco: ao chegar ao seu departamento, comunicaram-lhe que tinha sido demitida.

Ao saber de sua demissão, sete outras recepcionistas, sentindo-se inseguras, decidiram apoiar Elaine, exigindo sua volta. Foram castigadas com demissão sumária, sob o argumento de que tinham cometido indisciplina.

Com essa medida, a empresa pretendia, provavelmente, encerrar a questão. Afinal, esse negócio de "passar a mão" não costuma dar maiores problemas aos patrões, já que quem reclama é sempre mandado para a rua. Só que dessa vez foi diferente. O caso chegou até os grupos feministas do Rio, que resolveram agir. Começaram a espalhar cartas abertas à população, contando a história e exigindo a readmissão das moças. Tentaram, também, contato com a Condessa Pereira Carneiro — proprietária do JB —, para pedir que interviesse em favor das recepcionistas.

Esse contato não foi possível, no entanto, e a alegação era sempre a mesma: elas tinham ferido a hierarquia, e por isso tinham sido punidas.

Nem o editor nem o jornal, no entanto, contavam com o processo que Elaine, devidamente instruída pelas feministas, colocou contra o primeiro. Acusado de "crime contra a honra", ele foi impedido de deixar o país, como já tinha programado, sem autorização da Justiça.

Nessa altura, o caso tinha se transformado no "assunto" da cidade. A deputada Heloneida Studart fez uma intervenção na Assembléia Legislativa, denunciando o editor e a empresa, "que se acumpliciou com o machismo, por motivos que não só Freud explica". O editor ganhou uma dezena de apelidos, mas o que pegou, mesmo, foi o de **Amigo do Peito.** E, no meio dessa confusão toda, o silêncio da impresa. A não ser uma pequena nota na Folha de São Paulo, e uma crônica bem humorada do crítico Telmo Martino no Jornal da Tarde (que, infelizmente, não deu nome aos bois), não se publicou nada sobre o caso. Atitude mais do que compreensível, já que é comum, nos grandes jornais, a tentativa de "bolinação", principalmente em cima de estagiárias, carentes de emprego.

Mas nem o silêncio da imprensa conseguiu evitar uma maior propagação da história. A cidade toda foi devidamente panfletada pelos grupos feministas, que organizaram uma manifestação pública no dia 18 de maio, uma sexta-feira, às 17 horas, numa das esquinas mais movimentadas do centro da cidade e onde, não por acaso, fica uma agência de classificados do JB. No mesmo dia, o editor conseguiu permissão para viajar, desde que depusesse antes na 27ª delegacia, onde foi feita a queixa/ crime. No seu depoimento, o **Amigo do Peito,** que está sujeito a uma pena máxima de oito anos, alegou ter tentado, apenas, "ajeitar o colar" do pescoço da recepcionista.

Essa "explicação" serviu para incentivar ainda mais a manifestação feminista — a primeira do Rio — que conseguiu reunir mais de 40 mulheres, além de uma multidão de curiosos. Centenas de panfletos contando a história toda foram distribuídos pelas feministas, jovens, em sua maioria, que denunciaram, com cartazes e palavras de ordem, o afastamento do jornalista da cidade. Diziam os cartazes: "O JB não teve peito para punir Isaac"; "Condessa, a senhora também é mulher"; "Abaixo a violência contra as mulheres". Mas um deles foi considerado definitivo. Ele dizia: "Mulher não é maçaneta: tira a mão daí".

O ato público durou quase uma hora — quando foi dissolvido pela polícia — e contou com a presença de alguns deputados e vereadores do grupo autêntico do MDB. Heloneida Studart fez um discurso, em meio à multidão, aplaudidíssimo. Na loja do JB, os contínuos, aparentemente divertindo-se à bessa, eram os únicos funcionários que se arriscavam a olhar a manifestação, através das vidraças. Isso nos primeiros momentos, pois depois de certo tempo, provavelmente advertidos, sumiram. Em compensação, o gerente de classificados da empresa, Hélio Sarmento, protegido pelo anonimato, arriscou-se a ir para a calçada, quando a manifestação estava no auge. Foi reconhecido por uma ex-repórter do JB, que lhe disse, sabendo de sua fama: "Cuidado. O próximo pode ser você". Ao que o Sr. Sarmento respondeu: "Faço isso há 22 anos e nunca me aconteceu nada".

Só que agora pode acontecer. O "caso do JB mostrou que os tempos são outros. É claro que mulheres/ trabalhadoras continuarão sendo humilhadas através do sexo. Haja visto a reportagem publicada no último número de **Play Boy:** "Como conquistar uma colega de trabalho". E o pior é que a tal matéria foi escrita por uma mulher. Mas, felizmente, um outro tipo de mulher, como Elaine, pensa diferente. E isso pode pôr um fim à carreira dos bolinadores. Como dizia o cartaz, mulher não é maçaneta. Nem buzina.

Isa Cambará

A ironia de um certo humor

As lutas das minorias têm sido, a cada momento, neutralizadas e desativadas por pessoas, grupos, partidos, seja num discurso direto contra elas, seja através de palavras displicentes proferidas a cada dia por grande número de pessoas. É comum descaracterizá-las, colocando-as no mundo das emoções, esfera psicológica, prática de costumes, enfim, despolitizando-as em prol do que seria a política verdadeira, a única política: a que fala de assembléias, ditaduras, atos públicos, repúdios, comparecimentos maciços, etc. Aconteceu recentemente (dia 28 de abril), na Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Urca, uma palestra dos humoristas Ziraldo, Carlos Eduardo Novais e Nani. Este artigo quer ser uma denúncia. Uma denúncia do que se engendrou ali em termos de: 1 — Uma manipulação total dos discursos que surgiram (o que a estrutura de palestra já favorecia) no sentido de ridicularizar sarcasticamente lutas políticas minoritárias (em especial a luta da mulher) e 2 — Um ataque repulsivo ao corpo da mulher através das palavras e dos desenhos do Ziraldo, risos e omissões da platéia.

O clima que se instaurara era de humor a priori. Gargalhadas gerais e irrestritas antes mesmo de qualquer palavra dos conferencistas. A estrutura da situação já sugeria, mais que isso, determinava o tipo de relação que poder-se-ia estabelecer entre eles e a platéia. Uma palestra. E assim foi até o fim. Os que estão à frente, à mesa, falam — a audiência faz perguntas, levanta o dedo e circula pelo território já claramente demarcado das palavras dos que estão lá para serem ouvidos. Ziraldo e Novais falavam de seu trabalho e da luta que desenvolvem contra a ditadura. Minha intervenção veio em forma de pergunta (se bem que já tinha sido demasiado audaz para o clima de riso e de prévia e absoluta adesão) — por que não fazer de uma capacidade criadora como a de escrever e desenhar humor, um instrumento de combate não-somente contra a ditadura, mas servindo também a essa série de lutas que as minorias desenvolvem, a luta dos homossexuais, da mulher, do negro. Enfim, por que o não falar sobre a ditadura é articular um discurso despolitizado?

Ziraldo respondeu. Não sem antes fazer com que o "inimigo" repetisse de pé a pergunta em meio às gargalhadas da platéia e as piadas que ele ia fazendo. Enfim, após neutralizar, usando do seu "humor", melhor dizendo, seu sarcasmo, qualquer força que pudesse emergir da intervenção, apenas mostrou que não entendeu nada. Sugeriu que fosse lido Millor ("pai de todos nós") pois, faz um humor "humano". Citou Supermãe como uma espécie de humor não político. Não entendeu nada. E ao fim de sua resposta, crivada de piadinhas e risos subseqüentes (descobri que ambos mantêm uma relação intrínseca e necessária — piada de Ziraldo e riso da meninada), o que ficou foi que o "inimigo" ou "aquela menina" estava reivindicando um humor despolitizado que falasse de coisas amenas, coisas "humanas", em detrimento da Única e Verdadeira Política, a brava e valorosa luta contra a ditadura (na qual se congregam todas as coligações que lidam com aquela velha senhora, a representatividade, ou seja, os centros acadêmicos, os diretórios, os partidos, etc.) — luta que dá lugar a que se chame de revolucionários alguns reformistas machistas do Pasquim, capazes de tratar o homossexualismo como caso teratológico (confira Pasquim nº 436). Ziraldo utilizou velhos esquemas do tipo "você é muito jovem pra saber" (não viveu os 15 anos de ditadura). Aliás, Ziraldo provou que está bem velho. O lamentável é que um nº tão grande de jovens delire saborosamente ao som de seu "humor". E que mulheres (aquelas mesmas, alunas da UFRJ, de Economia, Comunicação, Psicologia) riam despreocupadas da pequena historinha do Pasquim que ele (velho guerreiro tentando orientar a moçada) alegremente contou. É a história (contada para provar que homem tem timidez de mostrar a bunda e mulher não) daquela moça que foi posar nua com os homens do jornal (eles vestidos, é claro) e então o Ziraldo lhe deu uma toalha no intervalo e ela pendurou no ombro (risos) e depois nenhum cara do Pasquim quis posar nu com ela. Vejam, por que será que é assim? O Ziraldo não sabia. Ele só sabia que bunda de mulher vende. E vende muito. E para demonstrar a um só tempo sua inventividade, humor e indubitável masculinidade, desenhou no quadro, seios e bunda de mulher com traçado de bola de futebol (mais risos). Isso para responder àquela outra menina que perguntou porque não colocavam homem nu na capa, e também àquela outra (tachada de "feminista tímida") que alertou para um possível comodismo em não criar nada para a capa do jornal, uma vez que bunda de mulher já existe, e vende bastante. Nani falou muito pouco. Novais, alguma coisa, muito menos que Ziraldo (estrela, grande homem, simpático, etc. etc.).

Isso aconteceu num espaço muito importante: uma Universidade. E isso tem acontecido muito. Esse discurso de Política Conseqüente versus murmúrios humanistas e esse tipo de violação verbal do corpo da mulher, são muito, muito velhos e continuam a se dar por toda a parte. Acho que uma das tantas coisas que se pode fazer é denunciar, o mais claramente possível. Não denunciar um nome (o que redundaria numa lista imensa), mas uma atitude, uma atuação, um fazer, uma prática política (aí incluindo não só atos — o de fazer um jornal, dar uma palestra, editar um livro — mas também discursos que da mesma forma são práticas políticas). Denúncia desse tipo de política que se arroga o direito de ser A Única Política e de calar vozes que falem outra coisa que não os seus princípios. Como por exemplo, numa sala de aula, de uma Universidade, uma palestra, homens conhecidos e admirados, famoso humorista falando a língua velha e dominante de uma política estagnada.

Janice Caiafa
da Comissão de Contra-Informação
do Coletivo de Mulheres

Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lésbica

Texto de Aguinaldo Silva

Ninuccia: na carta ela assinou ''Nino, o italianinho''

Última semana de maio, no IV Tribunal do Júri, no Rio: em dois dias, depõem as testemunhas de acusação e defesa, e é concluído o sumário de culpa do chamado "processo de Nino, o italianinho". **Nino** é Ninuccia Bianchi, uma secretária de 29 anos; e quem acompanhou com atenção as duas sessões no tribunal, pôde perceber claramente que todo um clima está sendo montado, a partir da ação do promotor Gil Castelo Branco e do advogado (de acusação) João Carlos Mallet, para que, ao final do processo, ela seja condenada. Se não por homicídio — já que, no processo, não existe a menor evidência de que ela tenha empurrado sua companheira Vânia da Silva Batista do prédio em que moravam —, pelo menos por sua condição de lésbica, e pelo fato de ela ter deixado bem claro, a todos os que conviveram com elas, durante o tempo em que moravam juntas, o amor que sentia pela outra.

"Olhos semicerrados, uma expressão de atenção concentrada no rosto", como a descreveu o repórter Jorge Elias, Ninuccia ouviu, na sexta-feira 18, e na quinta-feira 24 de maio, a versão que o promotor e o advogado, sob o beneplácito do juiz José Carlos Waltz, criaram para a sua vida. Na história que eles improvisaram — após desmontar os depoimentos das testemunhas de defesa, no dia 18, e reforçar os das testemunhas de acusação, no dia 24 —, aparecem, com estarrecedora freqüência, palavras como "pervertida", "anormal" e "doente", e expressões como "festinhas de embalo": é o vocabulário — que o uso constante ainda não desgastou —, com que o sistema mantém pessoas como Ninuccia, mesmo que não submetidas a uma suspeita tão grave como ela, permanentemente condenadas; são as palavras que o júri encarregado de julgá-la brevemente — formado por lídimos e bem pensantes cidadãos da classe média — gostaria de ouvir.

História de Amor

Ninuccia Bianchi conheceu Vânia da Silva Batista num terminal de ônibus do Largo de São Francisco, no Rio. Em pouco tempo as duas estavam vivendo juntas no apartamento 404, do bloco K, do Conjunto Habitacional Bandeirantes, em Jacarepaguá. As duas eram lésbicas, mas formavam um casal, de acordo com os estereótipos: Ninucia, durona, decidida, era o homem, Vânia, tão feminina que chegara a disputar o título de "Miss Rio de Janeiro" como "Miss Jacarepaguá", era a mulher. O romance das duas, como qualquer romance, teve tempos felizes; quem poderia falar sobre isso era Vilma, irmã de Vânia, que morou algum tempo com elas, ou Bartolomeu, também irmão dela, que freqüentava muito a casa das duas (mas eles não o fizeram; no sumário de culpa, apresentados como testemunhas de acusação, procuraram, de todas as maneiras, incriminar Ninucia). E, também como qualquer romance, viveu momentos de crises; numa dessas, Vânia separou-se de Ninuccia e foi morar com um rapaz, Altemir Figliolo: era dele que ela estava esperando um filho quando morreu.

A experiência com o rapaz, no entanto, ao que parece não satisfez Vânia; ela voltou para casa, onde foi recebida por Ninuccia. Pelo que dizem as pessoas que trabalhavam com a ex-**miss**, e os vizinhos das duas mulheres, é evidente que ela atravessava, quando morreu, uma violenta crise emocional; pode-se até dizer — mas sempre à base da suposição — que sua aventura com Altemir tenha sido uma tentativa de resgatar sua "normalidade"; para usar o jargão, Vânia seria um desses homosexuais "que não se aceitam", e aí estaria a origem da crise que a levou à morte.

Mas, para o promotor, o advogado e as testemunhas que eles apresentaram, a crise de Vânia tinha uma única origem: o remorso por estar vivendo uma ligação homossexual, e o medo que sentia de Ninuccia, cuja "paixão ardente" poderia levá-la a um "gesto extremo" (ou seja: o homicídio) caso a outra a abandonasse. Para reforçar esta versão é que são utilizadas as palavras que citamos acima. Um exemplo: Ninucia, e Vânia, como quaisquer pessoas — hetero ou homessuais — que vivem juntas, recebiam amigas em casa, à noite e nos fins de semana, para drinques e bate-papos; essas reuniões, no entanto, foram habilmente transformadas em "festinhas" — a palavra ideal para deixar bem claro que, nelas, "coisas terríveis aconteciam".

Vânia, um fim trágico para a crise de identidade

LADO "FEMININO"

Além disso, na escalada para obter a condenação de Ninuccia, promotor e advogado não hesitaram em ignorar que uma lésbica, para sê-lo, necessita de uma parceira, e que esta também o é: todo o lado "feminino" de Vânia foi ressaltado no processo, além do fato de ela ser filha de um pastor evangélico: José Lins Batista, o pai de Vânia, disse em seu depoimento que a filha só saiu de casa para morar com Ninuccia porque foi "influenciada" por esta; mas que "nunca aceitou" aquela situação; apenas, todas as vezes em que pretendia acabar com ela, "era ameaçada de morte pela outra" (ninguém perguntou a Batista porque ele deixou que sua outra filha, Vilma, também fosse morar com as duas, e porque ele permitia que seu filho, Bartolomeu, as visitasse com freqüência; afinal, isso não acrescentaria nada ao tipo de julgamento que, segundo a Justiça dos Homens, Ninuccia merece).

Muitos dirão que não se pode, num caso como este, chegar ao outro extremo, ou seja, dizer que Ninuccia é inocente só porque é lésbica. Acontece que, ao longo do processo, não há a menor evidência de que ele tenha empurrado Vânia do prédio em que moravam, levando-a à morte. Tanto que o caso foi inicialmente registrado como **suicídio** na delegacia de Jacarepaguá; o delegado José Guedes somente resolveu mudar para "morte suspeita" depois que descobriu uma carta de Ninuccia, endereçada a Vânia, na qual ela falava do seu amor e assinava assim: **Nino, o italianinho**.

Vânia caiu ou foi empurrada do **hall** do terceiro andar do prédio (as duas moravam no quarto andar). Horas antes, uma vizinha — testemunha de acusação, evidentemente — ouvira uma "forte discussão" no apartamento das mulheres; e outra encontrara Vânia chorando no **hall** de onde cairia depois, "repetindo, entre soluços, que não mais voltaria ao apartamento de Ninuccia".

OS VELHOS CHAVÕES

Por que, para acompanhar a versão que até aqui prevalece — o homicídio —, Ninuccia, depois de perder Vânia para Altemir e consegui-la de volta, iria matá-la? Aí é que entram os chavões com os quais se consegue que o Grande Júri, a cada julgamento, se comporte como um reflexo do sistema que ele representa dentro do tribunal: segundo a mãe de Vânia, D. Delozi da Silva Batista, porque, ao saber que a outra estava grávida, Nicuccia conseguira provas concretas de que "fora traída". Mas — perguntamos a D. Delozi — se Vânia era uma moça "normal", se vivia declarando à família, nos últimos meses, sua felicidade por estar vivendo com um homem e, mais ainda, por estar grávida, porque voltara para a companhia de Ninuccia? Responde a mãe da ex-Miss: "Minha filha só retornou ao convívio de Ninuccia porque foi ameaçada de morte".

Fecha-se, assim, o círculo que levará Ninuccia à condenação, e é mais uma vez distorcido o sentido da Justiça: não é a polícia que vai provar se Ninuccia — contra a qual não existe nenhuma prova concreta — é ou não culpada; é esta que deve provar de modo concreto se é ou não inocente.

O que está acontecendo por trás das portas do IV Tribunal do Júri, no Rio, está a merecer mais que uma assistência fascinada pelos detalhes escabrosos — o prato de resistência das perorações do promotor e do advogado de acusação. É preciso que, de alguma maneira, se deixe bem claro — ao juiz e ao Grande Júri — que não se pode considerar uma pessoa suspeita de homicídio só por causa de sua preferência sexual. Ninuccia pode ser até culpada — embora, como diz com tranqüilidade seu advogado, Georgiano Muller, nada exista que a incrimine; o que não se pode é condená-la a partir da única **prova** que a Justiça tem contra ela: o fato de que ela é lésbica.

> *Segundo Calmon, o Cinema Novo tinha um forte componente guei. ''Ele era misógino, odiava as mulheres''. Mas isso tem muito a ver com o homem brasileiro.*

Roberto Bonfim (''Das Bocas'') e Paulo Vilaça (o entendido) na praia

Calmon e seu novo astro: Jece

parafusos, tá se prostituindo da mesma forma que uma pessoa que vai trepar. Então foi que eu coloquei no filme o fato de que se prostituir através do sexo não é mais aviltante que outra forma de prostituição, sem nenhum juízo de valor.

Lampião — **E esse tipo de Juízo das pessoas, segindo o qual teus filmes são pornochanchadas, ou pelo menos fazem o gênero, isso te deixa chateado de alguma maneira?**

Calmon — Isso me deixou no **Gente Fina.** Porque houve o caso da Cláudia Lessin, que era irmã da Márcia Rodrigues, e que conheceu aquele filho da puta (Michel Albert Frank) na projeção do meu filme. Aí o filme ficou marcado por um moralismo muito escroto; porque eu acho que a imprensa, no que teve um pouco mais de abertura, partiu para uma série de campanhas muito justas, mas também andou cometendo algumas picaretagens. Aquele livro daquele rapaz, por exemplo (Porque Cláudia Lessin vai morrer, de Luís Valério Michel), eu achei uma tremenda picaretagem, porque ele coloca o problema da droga de uma maneira totalmente errada. Por exemplo: qualquer morador de Ipanema sabe que da Niemeyer ao Arpoador a praia inteira tá fumando maconha; e todo mundo sabe que muita gente do meio artístico se droga, e sempre se drogou. Então, isso não é uma coisa específica do setor mais comercial do cinema brasileiro. Eu acho que essas coisas coincidiram e houve uma campanha contra o filme.

Acontece também que eu não tenho uma postura "autoral", "artística"; faço filmes pra massa, pro consumo. O problema é que eu faço uma puta pesquisa de linguagem, porque fazer um filme que seja coerente comigo e que, ao mesmo tempo, atinja o grande público, é, no mínimo, uma experiência de vanguarda. Há também o fato de que a maior parte da crítica não tem uma formação mais moderna, enquanto eu sou formado a partir do **pop** pra cá. Então, tou cagando e andando pros clássicos do cinema, pra esse tipo de postura.

Eu acho que 90% dos filmes que se faz no Brasil são absolutamente medíocres, principalmente os chamados "filmes de arte". Mas o fato é que quando a gente se dispõe a fazer uma coisa nova, as primeiras reações são sempre contrárias. Só levei porrada por causa de **Gente Fina**, mas, no caso de **O Bom Marido,** por exemplo, tive duas críticas ótimas em São Paulo, o que inclusive me surpreendeu. Já com **Os Embalos,** dá pra sentir que a reação tem sido muito melhor.

Então o negócio da pornochanchada também é de certa forma uma coisa que eu assumo — quer dizer, da mesma forma que eu faço um filme citando a pornochanchada, poderia estar fazendo um **western** nos Estados Unidos citando o western; é um termo típico e popular, que o povo curte e gosta, e não é atôa. O fato é que a maioria dos intelectuais tem um certo pudor de assumir a coisa cafona nossa — quer dizer, a própria brasilidade — Por exemplo: Roberto Carlos só passa a ser aceito depois de citado por Caetano. Esse tipo de processo (daqui a pouco as pessoas vão descobrir Sidney Magal): determinados tipos de fenômenos de cultura popular recente, que não são o candomblé, as escolas de samba — porque isso tudo já perdeu o sentido social-comunitário, passou a ser cultivado pela elite, virou uma coisa morta e acabada —, fenômenos como a pornochanchada, por exemplo, são rejeitados pela elite, porque perturbam, porque têm a ver com a atualidade.

O Jean-Claude Bernardet, na crítica que faz ao **Bom Marido,** ressaltou que a pornochanchada era o cinema típico da fase do "milagre brasileiro"; quer dizer, este gênero estava falando de uma coisa sobre a qual todas as manifestações artísticas no país tinham passado por cima sem se dar conta. Então, eu não me incomodo quando me acusam de fazer pornochanchada. Entre outras coisas porque eu sou uma pessoa de tal nível que, mesmo querendo, não poderia fazer pornochanchada: falo três línguas, tenho educação universitária, sou fino de berço, en-

André de Biase, o ativo Toquinho

de. E eu não tenho moralismo nenhum em relação à prostituição do corpo; é apenas mais uma forma de prostituição; um operário de uma fábrica: ele fica dez, doze horas por dia apertando quanto a pornochanchada mesmo é outra barra. Quer dizer, no fundo é um problema emocional: porque o sexo no cinema brasileiro agride muito mais, está mais perto da gente.

Lampião — **De qualquer maneira, na pornochanchada, é outro gênero.**

Calmon — Mas mesmo sendo outro gênero: porque a realidade do comportamento sexual do brasileiro é aquele da pornochanchada. Tem muito mais a ver com a realidade. Por exemplo: o cinema novo é misógino; o cinema novo odeia mulher; o cinema novo tem um forte componente guei, em seus filmes a mulher sempre representa o lado mais conservador no processo revolucionário. Tinha até uma piada que a gente fazia, logo depois de 1964: nos filmes de cinema novo, nas cenas de amor era sempre a mulher quem ficava por cima. O cinema novo era misógino porque o brasileiro é misógino. Eu acho que o brasileiro tem um componente cultural guei muito forte — negro, índio —, e que é uma outra realidade: quer dizer, a amizade masculina é onde você joga o afeto, a ternura, enquanto a relação com a mulher tem um lado mais careta do casamento, e tem a relação com a puta: a mulher é desprezada. Quer dizer, a pornochanchada descreve isso, esse tipo de comportamento de uma maneira claríssima.

Lampião — **Você acha então que as pessoas ficam chocadas só por este tipo de clareza?**

Calmon — Sim, porque é tudo uma puta hipocrisia. O que me agride na pornochanchada é o fato de que ela é artesanalmente muito grosseira. Se bem que tem um ou outro filme interessante. Eu acho, por exemplo, que um cara capaz de bolar um título como **A Ilha das Cangaceiras Virgens** é um gênio, um inventor! Pensa bem. Ele não seguiu nenhum, parâmetro. Porque o cinema brasileiro entrou pelo cano por causa desses festivais de Cannes, de Veneza. Cada amigo meu que foi a um deles voltou com um bruto complexo de inferioridade e começou a odiar o país. Eu passei uma semana no festival de Cannes, odiei, voltei e nunca mais saí do Brasil. Pode ser um lado provinciano meu, mas também tem o lado que eu saquei de que as pessoas ficam colonizadas; quer dizer, você passa a ter o padrão de fora. Claro, eu acho que a pornochanchada é escrota, é reacionária, é moralista e segue o sistema, embora ela represente o que eu disse antes; agora acho também que um cara como eu, ao fazer filmes citando a pornochanchada, já representa uma sofisticação do gênero.

Lampião — **Mesmo sem ter trabalhado nele como se fosse um projeto seu, você tem um certo amor por este filme, não é? Acha que ele é um filme especial.**

Calmon — Acho. Mas eu tenho alguns projetos meus. Por exemplo: **Galeria do Amor,** que seria um filme sobre os michês. Aliás, meu título para **Os Embalos de Ipanema** era **Amei um Michê**; mas o Rovai não aprovou, disse que a palavra "michê" não era conhecida nacionalmente; no Norte ninguém sabia o que era. Aí eu sugeri **Amei um Xibungo;** também não deu. Agora eu acho que o primeiro título também não foi aprovado pelo profundo moralismo dos exibidores, que embora façam pornochanchada, acham que algumas coisas agridem muito. O título que ficou não é o meu título, mas é um título que comercialmente ficou perfeito, porque vende o filme em qualquer lugar do Brasil: **Ipanema** já é um mito, e **embalos** tem uma marca.

Mas título pra mim já não é mais **aquela coisa.** Porque o problema é que no Brasil tem muita gente que faz filme sem saber porque tá fazendo, mas por uma satisfação pessoal sem pensar no consumo. Eu sou um cara que já dei minha contribuição pessoal para o **underground** e a vanguarda. Atualmente o que estou querendo fazer é cultura de massa. Você, vê o fenômeno John Travolta; ninguém no Brasil pode esculhambar com ele, em primeiro lugar porque aqui não se faz filme para adolescentes; se o pessoal que faz cinema não se preocupa com o público, não pode reclamar da influência do gosto externo.

Então nessa parte, a minha experiência com Rovai foi riquíssima mesmo. Uma vez eu até dei uma entrevista pra Miriam Alencar na qual disse que meu **master degrée** foi com Rovai; foi sim; não que eu tenha virado um capitalista, porque inclusive não ganhei dinheiro com os filmes que fiz; mas como proposta artística mesmo, porque essa preocupação com o gosto do público me enriqueceu. Você tem que fazer um filme não apenas sobre os problemas brasileiros, mas também ligado à realidade das pessoas que vivem neste País.

Lampião — **Tem outro aspecto interessante no teu filme. Hoje em dia o que mais se vê no Brasil são filmes sobre jovens. Só que os jovens, nestes filmes, parecem muito velhos.**

Calmon — Claro. São filmes feitos por pessoas de mais de 30 anos, sobre pessoas de mais de 30 anos.

Lampião — **Nos "Embalos", no entanto, os jovens são realmente jovens; falam a linguagem deles, estão envolvidos com problemas que os jovens costumám enfrentar hoje em dia.**

Calmon — Claro. Eu inclusive adoro isso, porque faço uma linha um pouco jovem pra idade que eu tenho... Mas não posso nega que houve uma contribuição enorme do André de Biase e também de Zaira Zambelli, a atriz que faz a mocinha Zonal Sul. Os dois são de Ipanema, tem uma vivência muito grande e me ajudaram bastante a dar esse tom ao filme. Tudo isso além do talento inato que eles têm como atores.

Lampião — **O filme tem inclusive uma seqüência antológica: aquela em que os dois queimam fumo dentro do carro, e que, infelizmente, foi censurada.**

Calmon — É. Aquela eu escrevi inteira. Sim, porque tem também toda a minha vivência de Ipanema colocada nesse filme. Eu tinha 15 anos quando vim de Manaus, passei um ano no Leblon e depois fui morar em Ipanema.

Mas voltando aos meus projetos. Além do **Galeria do Amor**, eu tenho um outro, chamado **Imitação de Cristo**, pra exorcizar meus fantasmas amazônicos: é um filme sobre o padre Burnier, o projeto Jari, a ocupação da Amazônia, etc... Já se fez muito filme sobre multinacionais no Brasil, mas tudo na base da alegoria; eu quero fazer um filme político, mas que seja um grande espetáculo. Quero fazer um filme sobre discoteca, censura 14 anos. Porque eu acho que a discoteca adapta à era eletrônica, tecnológica em que a gente vive, toda uma transa de juventude — do namoro, da paquera, da esfregação, do apelo sexual, e então a gente não pode negar a discoteca só na base da xenofobia.

Lampião — **Seria "Os Embalos" o primeiro filme guei brasileiro?**.

Calmon — Bom, eu queria falar sobre os homossexuais que aparecem no filme: tem aquele que vive na praia, à espera de que surja um grande amor, e que acaba sempre vítima das **mordidas** da garotada (**o ator é Carlos Prieto, numa seqüência rápida mas genial**); tem a "fada madrinha", que é o gerente do hotel; tem o "entendido", o Paulo Vilaça, que é ao mesmo tempo o que corrompe o garoto mas o que lhe acrescenta ensinamentos para se movimentar e sobreviver no mundo corrupto em que vive; e tem Dona Flora....

Lampião — **Mas ela é uma mulher, é a Gracinda Freire!**

Calmon — Nunca! D. Flora é uma bicha. Virou mulher no filme porque seria difícil fazê-la passar pela censura enquanto homossexual. Mas eu filmei toda aquela parte da arregimentação dos garotos no hotel pensando num travesti. Inclusive é a primeira vez que eu digo isso publicamente, mas é verdade.

Lampião — **Pois olha, no filme tem mais um homossexual: é o Das Bocas, o personagem do Roberto Bonfim. Aquele ex-guarda-vidas que arranja garotos pros entendidos endinheirados da praia? Ora, a gente manja o tipo...**

Calmon — E ele existe. É uma figura muito conhecida...

Lampião — **Bom, agora você está às voltas com outro projeto, que também não é seu, mas de Jece Valadão: "Eu matei Lúcio Flávio". É um filme sobre Mariel Mariscot, que, aliás, é um dos mitos do povo guei.**

Calmon — Na minha cabeça ele é um filme de ficção, e Mariel renega qualquer tipo de aproximação com o povo guei que lhe tenha acontecido. Bom, o Mariel do filme é pura ficção; é apenas um veículo para o estrelato de Jece Valadão, que eu considero um dos poucos mitos do nosso cinema, porque ele é o arquétipo do macho brasileiro; é o cafajeste, o cara que bate na mulher, etc., embora na vida real seja uma pessoa gentilíssima, que nada tem a ver com isso. E claro, o filme é também um pretexto para falar dos anos Médici: a história de um cara que foi guarda-vidas, leão-de-chácara, segurança de Ministro, escola de polícia, homem de ouro, envolvido com o Esquadrão da Morte, pistoleiro no Paraguai e preso na Ilha Grande. Quer dizer: uma trajetória incrível. O que me preocupa é glamurizar esse personagem; ou seja, no final, sairá um filme vagamente inspirado em Mariel Mariscot. O que eu tou curtindo mesmo é filmar com Jece Valadão; porque eu vejo Valadão no cinema desde que me entendo por gente, e ele agora está vivendo o seu momento mais bonito.

Uma alegria que vai durar muito

A opinião é geral: nunca houve uma festa tão alegre como o **show** "Bixórdia", que comemorou o primeiro ano de existência do **LAMPIÃO.** Tão alegre e tão bem comportada, é bom lembrar. Bem comportada no sentido de que eram pessoas felizes as que se reuniram no Café-Teatro Rival para ouvirem os maiores nomes da música brasileira. Para aqueles que estavam torcendo pelo fracasso da festa, para aqueles que afirmam que toda bicha é louca e insociável, que seu lugar é nos asilos psiquiátricos russos, "Bixórdia" foi um tabefe na cara. Mas isso é outro assunto. Como dizia o nosso querido e digno Oscar Wilde, "Os cães ladram e a caravana passa".

O **show** foi um teste para o prestígio de **LAMPIÃO** e dele o jornal saiu definitivamente engrandecido. A convocação de Antônio Chrysóstomo responderam não só todos os monstros sagrados da música popular brasileira como a geração nova de maior talento. À relativamente pequena publicidade feita do espetáculo responderam 500 espectadores pagantes (mais, certamente, 500 convidados e penetras). O entusiasmo na platéia, nos bastidores e no lado de fora do teatro resultou numa grande noite de confraternização e **esprit de corps.** No fim, a festa ultrapassou os limites do aniversário de **LAMPIÃO** para ser a primeira grande manifestação guei do Brasil e, por que não, a marca do nascimento de uma nova era para os homossexuais brasileiros. Lembra, por isso, o Festival de Woodstock, que marcou para os **hippies** da década de 60 o nascimento da era de Aquário , a tomada de uma nova consciência.

Guei ou não, quem foi ao Rival na noite de 7 de maio estava assumindo um compromisso libertário de confraternização com todas as minorias oprimidas e se solidarizando por tabela com os que sofrem perseguições seja por suas preferências sexuais ou ideológicas, por suas raça ou cor. Foi a saída definitiva do gueto, um compromisso com a liberdade humana.

Claro, ninguém estava pensando nisso ao comparecer ao grande **show,** nem Chrysóstomo nem os artistas convidados tinham uma plataforma ou uma mensagem em mente. Como as melhores coisas da vida, esta também aconteceu naturalmente, gerada pela alta carga de calor humano. Ninguém tinha a intenção de escandalizar (o escândalo só existe nas mentes doentes), de provocar ou fazer mal. As estátuas de sal não se derreteram, o teto do Rival não desmoronou com a estrepolia das bonecas. Terminado o **show** tudo continuou como era antes, com a pequena diferença de que se formaram uma nova solidariedade, um novo entendimento entre as pessoas.

Para algumas bichas filosóficas, a platéia do Rival foi um espetáculo mais empolgante do que o montado por Chrysóstomo. Exageros à parte, foi de fato empolgante ver as gerações mais novas suando de tanto aplaudir artistas que são, supostamente, apenas conhecidos dos mais velhos, como as divinas Carmem Costa, Emilinha Borba ou Ângela Maria. Não era saudosismo, não. Era a descoberta de que a alegria é um fenômeno para ser dividido generosamente entre todos. Esse pessoal mais novo que foi ao Rival, entregou-se, ao som de músicas e Dolores Duran cantadas por Marisa Gata Mansa, ao ritual liberador a que costuma se entregar nas discotecas, dançando e cantando sem camisa, ao lado dos mais velhos e saudosistas. Na força do embalo desapareceu o que os comunicólogos chamam de conflito entre as gerações.

"Bixórdia", portanto, passou para a história, mas terá outros desenvolvimentos. Às bichas chatas e casmurras, que desaprovam o **LAMPIÃO,** nós avisamos que terão muitas "Bixórdias" pela frente, para que roam as unhas até o sabugo. E para enlouquecê-las ainda mais informamos que, em breve, poderão ver o filme super-8 que foi feito sobre a festa, "Night & Gays", realizado por Dinah Guimarães, Lauro Cavalcanti e Reinaldo Leitão, três entre os melhores artistas de vanguarda brasileiros.

Francisco Bittencourt

A partir da esquerda: Carmem, Elka, Miloca, Maurício, Leiloka

Ângela, Francisco, Elke (e o bolo), Chrys, Adão e Carmem Costa

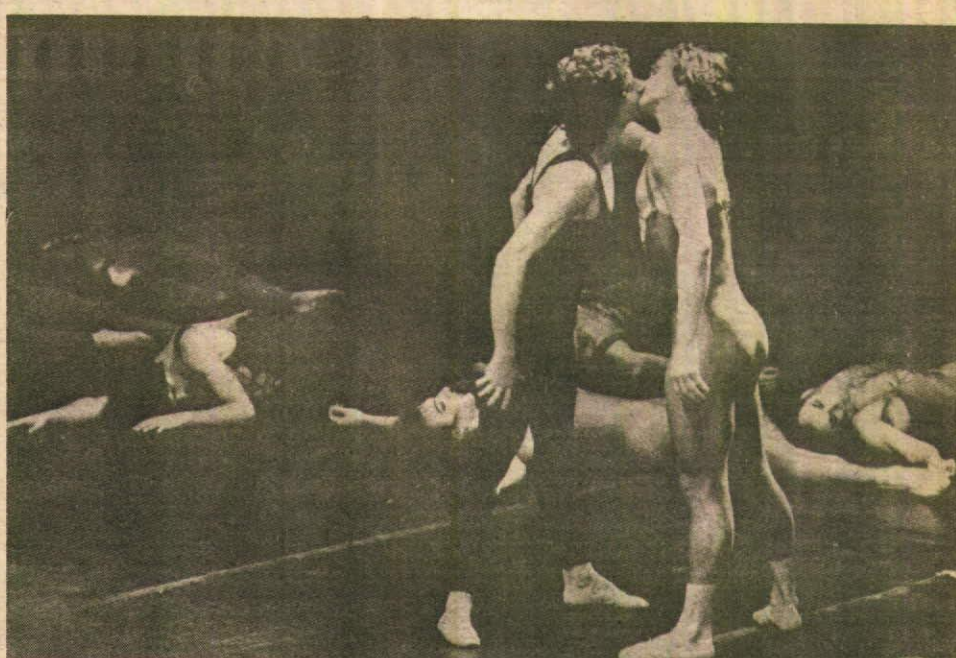
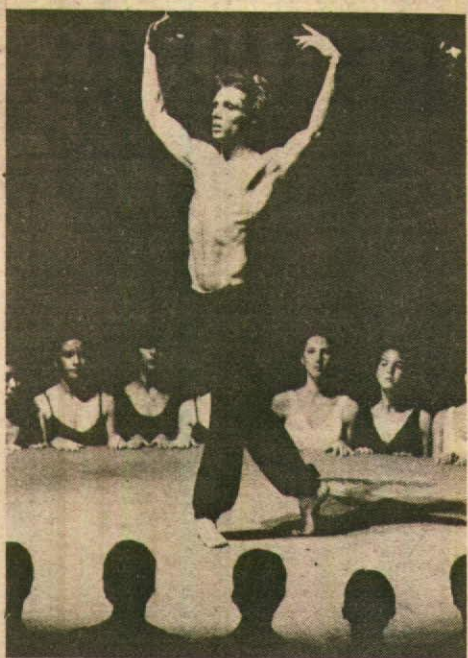
Um espetáculo em plena rua

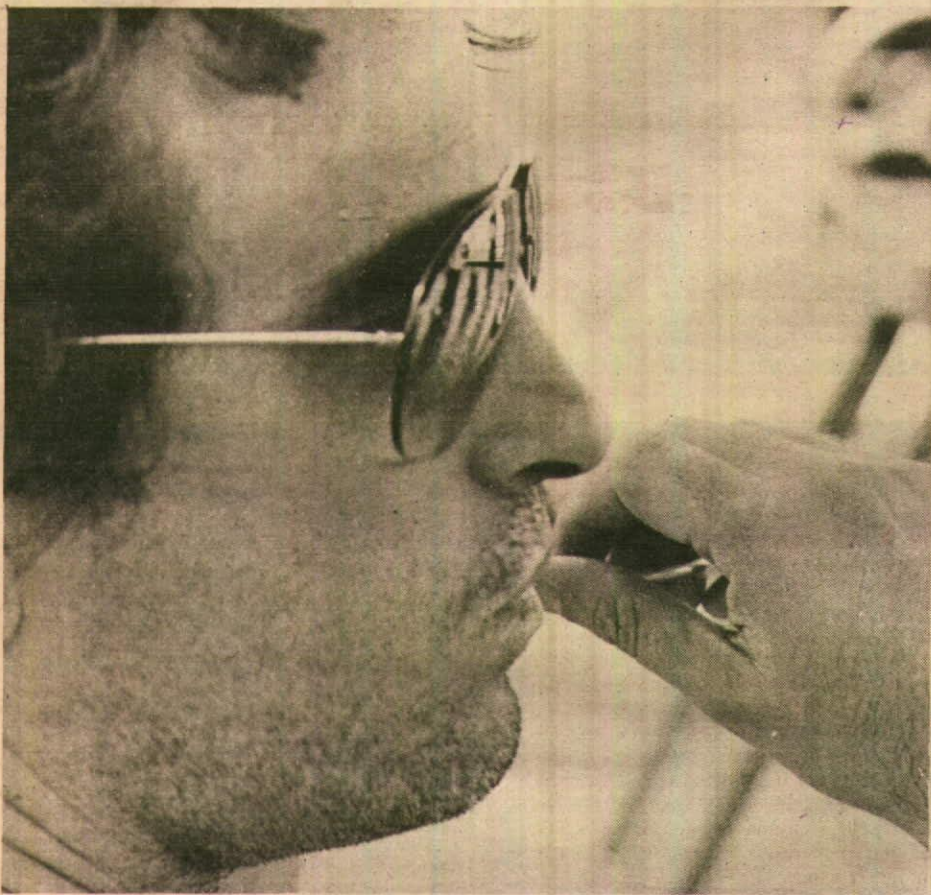
Na Rua Álvaro Alvim, diante do Café Teatro Rival, uma festa à parte da Bixórdia; uma multidão perguntava, curiosa, o que estava acontecendo aquela noite no local. E, ao tomarem conhecimento dos grandes nomes da música popular brasileira que estariam presentes, tratavam de deslocar uma graninha para pagar — e poder ver — o espetáculo. Foi o caso de um grupo de jovens, que pediam dez Cruzeiros a cada um que entrava, para também poder entrar.

Perto do início do grande espetáculo, um momento dramático e emocionante: um dos inúmeros guardadores de automóveis da Cinelândia, que também queria ver o **show** mas não tinha dinheiro — os proprietários dos carros ali estacionados, naturalmente, só pagariam por seus serviços quando saíssem do teatro, no fim da **Bixórdia** —, improvisou um discurso, declarando em alto e bom som que "guardador autônomo também é minoria", e empolgando, com isso, o fero Francisco Bittencourt, encarregado de vigiar os **penetras;** ele autorizou na hora a entrada do rapaz, ouvindo deste a promessa de que, a partir daquele instante, guardaria o seu carro com o maior zelo (infelizmente, para o rapaz, Francisco não curte automóvel...)

Outro detalhe do **sereno:** o carinho com que os artistas que chegavam eram tratados. As pessoas que não puderam entrar no teatro se contentaram em manifestar seu carinho e admiração aos artistas quando estes entravam ou saíam pela **stage door** do Rival. Emilinha (claro) e Wanderléa foram os mais ovacionados. Sendo que esta só saiu às duas da madrugada; depois que tudo terminou, ficando surpresa ao ver, lá fora, a multidão que a esperava. (**Adão Acosta**)

Os meninos de Maurice Béjart

Não, não vamos repetir, aqui, as baboseiras que os "críticos especializados" e os colunistas sociais (meus Deus: eles entendem de tudo, são verdadeiros enciclopedistas!) vêm repetindo a propósito da passagem, pelo Brasil, do Balé so Século XX, de Maurice Béjart. Tudo o que temos a fazer é repetir uma singela declaração do coreógrafo, segundo o qual, cada balé que ele monta tem um pouco da história de sua vida e de suas relações com o próprio corpo. Dito isso, deixemos que falem as imagens — as fotos de D. Limongi Batista, que captou com extrema felicidade as qualidades de andróginos, de mutantes, de seres de uma raça que certamente ainda estar por vir, tão evidentes nos bailarinos de Béjart. Não vamos sequer dar seus nomes, ou os nomes dos balés que eles estão dançando. Que fique apenas a força, o equilíbrio e a harmonia de cada um.

A gente aproveita a passagem de Béjart por terras tupiniquins, para protestar contra os granfinos do Rio e SP, que se apossaram de sua arte e fizeram de suas apresentações mais um daqueles regabofes que costumam oferecer no fundo dos seus quintais.

fotos de D. Limongi Batista.

AO CONTRÁRIO DOS OUTROS CINEASTAS, ELE NÃO TEME O SEU LADO GUEI

Nos embalos de Calmon

Antônio Calmon foi uma espécie de Rimbaud do Cinema Novo. Basta ver as fotos em que ele, adolescente ainda, aparece ao lado de figuras impolutas como Glauber, Joaquim Pedro Andrade, Nélson Pereira dos Santos, Cacá Diegues e Gustavo Dahl, para que não se tenha dúvidas sobre isso. Infelizmente, a figura que lhe pareceu mais próxima de um Verlaine ele só a encontrou anos depois, na pessoa de Pedro Rovai. Não, ferrenhos defensores do nosso cinema, não se trata de uma ironia: os três filmes que eles fizeram juntos — **Gente Fina é Outra Coisa, O Bom Marido** e **Nos Embalos de Ipanema** — Rovai como produtor e Calmon como diretor, só tendem a crescer com o tempo; até o dia, no futuro, em que um crítico suficientemente corajoso os coloque no devido lugar de filmes muito importantes, neste período (que termina) em que o divertimento principal dos nossos cineastas foi se deixar devorar por meia-dúzia de esfinges.

Pra se manter sempre alguns dias adiante da atualidade é que Calmon fez de **Os Embalos** — filmado no período em que LAMPIÃO engatinhava — um filme que, com algum esforço, se poderia chamar de "guei". É por isso que, agora que o filme está sendo exibido nacionalmente, fomos conversar com ele. Aguinaldo Silva e Adão Acosta fizeram a entrevista, em meio aos cenários delirantes de **Eu Matei Lúcio Flávio,** o novo filme do diretor, que tem, como produtor e estrela, a figura mítica de Jece Valadão.

Lampião — **"Os Embalos" não era um filme seu, não é? Quer dizer, não é um filme que você planejou fazer. Você pegou o bonde andando...**

Calmon — É mais ou menos. Porque eu tinha contrato com Pedro Rovai para fazer três filmes. Então fiz **Gente Fina é Outra Coisa** e **O Bom Marido**. E indiquei uma pessoa, Luís Carlos Lacerda, o **Bigode**, pra fazer este filme. Na verdade, "Os Embalos" era um projeto antigo, em cima de um roteiro de Leopoldo Serran e Armando Costa, que seria um filme de episódios só com a parte do hotel. Mas Rovai sempre achou que daria um longa, porque ele tem uma visão muito boa das coisas, e realmente funcionou. Quanto a não ser um projeto meu, inicialmente, mesmo assim sugeri que o garoto fosse um surfista de subúrbio. Porque eu achava que um surfista da Zona Sul não dava um bom filme, o **surf** é uma coisa muito alienada. Então eu pensei que seria melhor pegar um cara do subúrbio, que sonhasse como o acesso às coisas da Zona Sul, e mexi muito no projeto. Aí o Bigode não conseguiu dar o tom que Rovai queria; eu e Rovai tínhamos um casamento, uma sociedade que era um projeto a longo prazo — mais a gente fez só três filmes, porque ele está cansado, quis parar; por isso, quando ele viu que as coisas não estavam saindo como ele queria, falou comigo e disse que eu devia assumir o projeto.

Quando eu assumi, achei o roteiro muito fraco, muito disneilândia — a disneilândia do surfe: não tinha o lado mais maldito. Então chamei o Silvan Paezzo, e eu mesmo escrevi algumas seqüências: dei o clima final do filme, que é a coisa mais importante.

Lampião — **Você já encontrou o André de Biase fazendo o surfista?**.

Calmon — Sim, porque ele se impôs desde o primeiro instante. Mas fiz algumas modificações no elenco e na equipe, muito poucas, e comecei o filme.

Lampião — **Ele já tinha feito alguma coisa, antes, no cinema ou no teatro?**

Calmon — Nada. Nunca tinha nem pensado nisso.

Lampião — **E como é que vocês o descobriram?**

Calmon — Através de um anúncio no jornal. Apareceram dezenas de candidatos, foram todos rigorosamente testados. Eu não cheguei a participar dessa fase mais exaustiva da produção...

Lampião — **A gente gosta muito do filme, mas gosta principalmente do final, que é totalmente amoral. Foi você quem deu o tom?**

Calmon — Foi. Aliás, fui eu quem escrevi toda a coisa da namoradinha do subúrbio, porque achei o outro final muito ruim. Ninguém sabia como resolver esse personagem por uma falta de **parti-pris;** Leopoldo e Armando têm uma formação marxista, então pintava muito o negócio de o garoto se dar mal; a colaboração do Bigode era uma colaboração mais **flower power,** "Havaí", não tinha muito a ver; Rovai também não sabia o que queria; então eu desenvolvi uma história paralela com a menina; os dois sonham com a Zona Sul, mas ela é careta e ele desbundado; são duas trajetórias, que só se encontram quando ela saca que o esquema todo é corrupto, e que ele é que está certo. Ou seja, que no sistema em que vivem, e à margem como estão, um caminho é usar a própria beleza para sobreviver.

Isso casa com um conceito meu, que eu desenvolvi nos três filmes, que é o da Prostituição num sentido amplo — pode ser a prostituição de valores, a prostituição profissional. Eu acho que o Brasil é um país onde todo mundo se prostitui; na medida em que a gente é muito colonizado e não tem um desenvolvimento nacional próprio, de uma forma ou de outra se ven-

REPORTAGEM

Nos bastidores, outro "show"

Gente óootima — e variadíssima — como a poeta Olga Savary, o craque Afonsinho, o cineasta Alex Viany, produtor e diretor Abelardo Figueiredo, a bicha honorária Jaguariba (do Pasquim), modelo Tânia Caldas, a **show-woman** Eddy Star, ator Raul Cortez, **guest star** Danusa Leão esteve na platéia do Café Teatro Rival, no superespetáculo **Bixórdia**, comemorativo do primeiro anosinho do LAMPIÃO. Pagaram ingresso, vibraram e alguns, no fim, assaltaram os bastidores na base do "que coisa divina", "quando é que tem mais", etc...

O que eles — e os outros quase mil espectadores — não púderam ver — infelizmente — foi o outro lado do **show**, nos imensos bastidores, camarins, corredores e coxias do Rival, onde outra multidão de astros e estrelas, maquinistas, iluminadores, assistentes, técnicos de som, bicões e penetras desfilaram por seis horas ininterruptas, sob o beneplácito (?) e comando do lampiônico Antônio Chrysóstomo, diretor do espetáculo. Alguns dos lampiônicos presentes se deram ao trabalho de anotar — bixordescamente, como convinha — fatos & fofocas desse mundo mágico que a platéia não vê.

Emilinha Borba foi a chegada mais notável: repentinamente o espaço povoou-se de ruidosas criaturas que, até agora ninguém conseguiu saber como, conseguiram furar a forte barreira de segurança colocada na entrada de artistas. Foi uma verdadeira vaga de beijinhos, gritos e abraços que, lá pelas tantas, ameaçou invadir o palco, sendo expulsa pelos assistentes de direção Mílton Tierry e Nélson Cerino. Olípica, com cara de menina de vinte anos, a divina Milóca sorria gloriosa, acima do tumulto dos fãs.

Antes da enérgica intervenção de Tierry e Nélson, aliás, a única menos agradável — apesar de engraçadíssima — dos bastidores: dois rapazes nervosos e muito perfumados — que ninguém sabia qem eram — trocaram desaforos em defesa de suas divas: Emilinha e Carmem Costa. As duas, amicíssimas, se encarregaram de acalmar os meninos. Depois do que Carmem, um poço de dignidade, se recolheu ao seu camarim, de onde só saiu quando chamada para pisar o palco — momento de uma das mais longas e emocionadas ovações da noite.

Noite alta, **show** rodando, Chrysóstomo recebeu um presente no posto de trabalho, a coxia de onde comandava a luz, a entrada e saída dos artistas no palco: o também lampiônico Francisco Bittencourt vinha lhe trazer um vidrinho de Dienpax, tranqüilizante do qual, nas últimas 48 horas — sem dormir, sem comer, na batalha da produção da noitada — ele vinha praticamente se alimentando. Foi quando Francisco, além de tranqüilizantes, resolveu ministrar um pito em

Intervalo para drinques e tititis da platéia

Chrysóstomo: "Viado, e o bolo?. Você esqueceu de providenciar o bolo de aniversário do LAMPIÃO! Imperdoável!" De mãos nas cadeiras, Chrysóstomo contra-atacou: "Ora! Além de produtor e diretor você queria que eu fosse confeiteira? Se vira e arranja o bolo!" Resultado: o tão decantado bolo do LAMPIÃO, que a revista **Isto é** chamou de "terceira classe", acabou por ser uma broa velha, comprada no botequim da esquina, sobre a qual alguém providencialmente espetou uma rombuda e longa vela branca.

Na cerimônia do apaga vela, por sinal, outra alegre acontecência tendo por protagonistas os próprios lampiônicos: suado, de bolsa a tiracolo, caneta e roteiro em punho — a própria imagem de quem nunca deveria estar em cena — Chrysóstomo foi ao palco para, cercado por todo elenco do **show**, chamar "os colegas de LAMPIÃO, pra dividir o bolo". Elke Maravilha segurava o assim chamado bolo, Carmem Costa e Emilinha sopravam a vela; começou a chamada: "Aguinaldo Silva! Adão Acosta! Francisco Bittencourt! Clóvis Marques!" Lépidos, Francisco e Adão adentraram o proscênio, enquanto Clóvis se escondia na platéia e Aguinaldo, que segundos antes estava na coxia, se evaporava desabaladamente bastidores a dentro. Em cena, Chrysóstomo se vingava: "Aguinaldo e o **fadinha** não estão aqui porque a primeira é um donzel de legendários recato e timidez; o segundo, o apelido diz tudo **fadinha**, a novinha, caçula das Bandeirantes gueis".

Durante o intervalo as coisas continuam acontecendo nos bastidores. A dona da casa, Ângela Leal — da dinastia dos Leal — se confessa emocionadíssima pelo sucesso da noitada; estafada pelo excesso de trabalho (ajudou muito na produção), ato contínuo sente falta de ar; literalmente desmaia de cansaço e emoção. Outra que passa mal : a **divine** Zezé Motta, vítima de pressão baixa.

Por isso, após 15 minutos regulamentares, quem primeiro entra no palco "para dar um recadinho, uma satisfação à platéia", é Zezé. Explica que a pressão "está no pé", anuncia Ângela Maria e se retira — debaixo de fortes aplausos — direto para casa. Entra Ângela: os bastidores se agitam. Mesmo quem está nos camarins mais longínquos, distantes quase 100 metros da coxia, escuta o trovejar e relampejar da platéia. Leiloca, das Frenéticas, comenta que Ângela merece.

Num dos camarins, Rogéria e Elke Maravilha resolvem fazer um caso de amor. Sentada no colo de Elke, Rogéria lhe acaricia ternamente o penteado louro. "Seu" Zé, chefe dos camarins, conclui que "esse mundo tá mesmo virado; quem das duas é homem, mulher ou bicha?".

Inteiramente entretido em — como dizia — "fazer rodar o espetáculo, não deixar brancos no palco nem falhas na luz", Chrysóstomo é pego de surpresa quando um "trenzinho" enorme, as pessoas agarradas umas nas outras, se aproxima ameaçadoramente da entrada de cena. Organizado pela endiabrada Leiloca, tal "trenzinho" vem apitando corredores a fora, disposto a transpor qualquer barreira para, "pelo menos, dar uma voltinha no palco". Na frente, como não podia deixar de ser, abraçadas, aos beijos e abraços, Elke, Rogéria e Leiloca, agarradas pelos traseiros por Maurício Loyolla, os novatos Raymundo Sodré, Aristides Guimarães, Flaviola; Tânia Alves e seu marido, o percussionista Lôro, aderem alegremente à idéia; Ângela Maria — quem diria — comanda um vagão em que estão Emilinha, Zé Ricardo e Marisa Gata Mansa; Ivanir Geraldo e Manduka fingem que não participam, mas também se enfileiram para participar da insubordinação; Lecy Brandão tenta convencer Carmem Costa das vantagens de participar do "trenzinho"; Johnny Alf e Neuza Borges aguardam o momento de aderir à composição; na rabeira vem Diana, pulando e apitando como se aquilo fosse um jardim de infância.

No palco está Aline. Sentados no banco de espera, disciplinadamente, Wanderléia e Toninho Café, que — heroicamente — prometeram fechar o **show**, confabulam exaustos, com Miriam Pérsia, sobre os problemas da pesca da baleia na costa brasileira. Está formado o quadro de um tumulto em grande estilo. Estóico, Chrysóstomo se põe à frente da improvisada "composição ferroviária". Grita, entredentes (o **show** corria próximo, apenas três metros dos acontecimentos internos): "Já falam tão mal da gente e ainda tem essa de "trenzinho" entrando em cena?" As pessoas são (o que ninguém diz; isso ninguém lembra quando fala de artista, intelecutal, negro, homossexual, dissidente etc.) altamente profissionais: acaba a brincadeira, entre sorrisos, suores e suspiros (dos mais entusiasmados). Todos voltam aos seus lugares nos camarins e bastidores.

Wanderléia entra, ovacionada. São duas da manhã de uma terça-feira gordíssima. Daquelas de relógio de ponto e mamãe e papai dando bronca em casa. Ninguém, na platéia, tinha arredado pé. Chrysóstomo desconfia que deu uma grande mancada em não permitir que o "trenzinho" tivesse passado pelo palco. Mas já é tarde. O **show** acabou. Em compensação, ao apagar das luzes do 1º aniversário de LAMPIÃO, Tony Ferreira teve a feliz idéia de agarrar o figurinista Mário Valle — nessa noite inexplicavelmente careta, de pasta de executivo na mão — e dar uma volta completa pelo fundo do palco, enquanto Wanderléia se esmerava na **grad-finale** de um **pout-pourri** carnavalesco que levantou o respeitável público. Estava salva a Bixórdia. É só aguardar: para o ano tem mais. (**LAMPIÃO, equipe**)

Gueifieira: a nova festança popular

Se a festa da Bixórdia foi um acontecimento, a inauguração do Cabaré-Palace, a gueifieira que passou a funcionar todas as sextas e sábados no Cine São José (o dos bailes dos enxutos) não ficou atrás. Luís Garcia, o responsável pela folia, passou mais de um mês preparando a ambientação — inteiramente **kitsch**, lembrando um pouco o moribundo cabaré Casanova, numa espécie de recriação à qual se acrescentou o bom gosto do produtor —, e os panfletos, anunciando a gloriosa noite de estréia, foram passados e repassados de mão em mão pelas esquinas da vida.

Assim, na noite do dia 18 de maio uma verdadeira multidão tomou conta do salão especialmente decorado com cartazes de filmes gueis, capas de LAMPIÃO, fotos de ídolos do pessoal — incluindo uma, meio perdida entre as capas do nosso jornal, providencialmente colocada no corredor que leva aos mictórios, apresentando o divino e injustamente desaparecido Mário Gomes, inteiramente pelado. Ao mesmo tempo em que, do lado de fora, se acotovelava a multidão habitual de **voyeurs**, já bastane conhecida, que a cada baile dos enxutos ocupa aquela mesma posição, só para ver passar os fantásticos e inesquecíveis travestis que lá comparecem.

Quando a gente chegou ao local, por volta de meia-noite, o Cabaré-Palace já fervia. O conjunto tocava samba, e na pista de danças evoluíam os pares: homem-com-mulher, homem-com-homem, mulher-com-mulher, numa manifestação de democracia sexual com a qual nem o mais delirante adepto da abertura sonharia. No primeiro andar, em torno do bar, o pessoal mais gastador —e portanto mais **snob** — trafava de consumir as cervejas (infelizmente quentes) e os drinques. Àquela altura ainda reinava, naquele local, um ar meio **blasé**. Mas, aos que lá estavam, Luizinho havia reservado uma surpressa: a certa altura, iluminados pelos **spots**, debruçam-se nas duas janelinhas do primeiro andar — que dão diretamente para o salão térreo — duas figuras: um anjo andrógino, com um calhamaço de poemas de Fernando Pessoa à mão, e uma sereia de peitos míticos, um travesti cujas próteses de silicones fariam Rachel Welch morrer de inveja.

Delírio geral. Os homens declaradamente heteros que se achavam no salão cometiam, sem saber, o pecado do homossexualismo, ao olhar cobiçosamente para os polpudos seios do rapaz que se pendurava na janela. O anjo, ao lado deste, fazia poses e trejeitos, preocupado em não ver o seu **show** roubado pela **outra**. Lá embaixo, no salão de danças, todos dançavam de olhos para o alto — era o espetáculo que começava com aquela dupla insólita e se balançar lá em cima.

Começava o espetáculo e ia continuar logo depois, com a entrada de Shirley Montenegro, o rapaz que canta várias oitavas acima do que a decência permite. O **show** e Shirley, cantando desde **Babalu** a **Folhetim** (infelizmente, apesar dos apelos, ele não cantou aquela famosa ária da **Travlata**), foi uma apoteose. Ao longo desses anos em que vem se apresentando como soprano, ele adquiriu todo um **status** de grandeestrela,faz um ar e um gênero com o qual nem as divas mais temperamentais sonhariam. Inteiramente **camp** com seu penteado louro, sua maquilagem muito pálida, seus braços longos e sua gesticulação tremelicante, Shirley fez a platéia literalmente endoidar. E conquistou até o conjunto que a acompanhava, quando anunciou que era inteiramente a favor do músico brasileiro, e que nunca cantaria com play-back.

Novo intervalo para danças e drinques. A sereia, depois de virar de costas e exibir numa determinada parte de sua anatomia marcas visíveis dos caninos do vampiro, retirou-se, deixando ao anjo a ingrata tarefa de ler os poemas que, até então, ele manuseava (oh, **Ode Marítima**, quantos crimes deliciosos se comete em teu nome!).

Apoteose? Nada disso. Luizinho peservara mais ainda para o público já inteiramente ensandecido. Sob uma espécie de platôs, surgem os Frenéticos, o conjunto criado pelo **Superb** Madrid, improvisados em **Gogogays.**

A essa altura, o único garçom de plantão trotava por entre as mesas, incapaz de atender de, uma só vez a tantos pedidos. A um canto, um grupo de travestis, hieráticos e impassíveis, fingia estar num sarau da Baronesa de Rabicó. Pela porta mais principal possível, entrava a estrela absoluta da noite — Marisa, a Greta Garbo da Lapa —, que atravessou a multidaão de pares como um raio de Júpiter não faria melhor: impávida e certeira. Ela seria, no final da função, o terceiro momento delirante da noite.

O terceiro momento, sim, porque o segundo seria a apresentação de Edy Star, um artista que está a merecer, há muito, a ousadia e a coragem de um produtor. Edy eletrizou a platéia com uma desenvoltura tal que parecia estar apenas escovando os dentes. E, em sua alegria, não esqueceu sequer de agradecer a presença de dois jornais: LAMPIÃO — **of course** — e o Pasquim (esses dois nanicos vão acabar de caso...).

A essa altura o bicharéu é que trotava atrás do pobre garçom, aos gritos de "me dá uma cerveja", "me traz uma tônica", "eu quero uma pedra de gelo", "o copo está sujo, bofe!" Só então eu me manquei — o garçom, na verdade (idéia genial do Luizinho), fazia parte do **show**.

Que teve seu ponto máximo com a aparição de Marisa, essa **godess** das trevas, a mais veneranda de todas as senhoras gueis desde que o travesti cubano Ly Ribanchera, 70 inconfessáveis anos, passou-se dessa para melhor.

Fim da noite: o pessoal saindo do cabaré Palace naquela manhã de sábado, anunciando aos quatro ventos que logo mais à noite estaria de volta. O que efetivamente aconteceu, com a casa novamente cheia, num **hapening** que se repetiu no fim-de-semana seguinte e que vai se repetir — esperamos ardentemente — por muitos fins-de-semana ainda. O endereço? Só podia ser lá, na Praça Tiradentes, às sextas e sábados, no Cinema São José, a partir de onze horas. O ingresso: 50 pratas, mais barato que uma passagem pelo Hotel do Pepe. LAMPIÃO, com sua experiência de festanças, recomenda (**Aguinaldo Silva**).

Os pulinhos de Fafá

Além das observações feitas por Aguinaldo Silva sobre a Gueifieira, o **show** idealizado por Luizinho Garcia teve mais dois momentos de grande impacto: o primeiro foi a apresentação da sósia de Fafá de Belém, uma bicha que por descuido não chegou ao estrelato como a artista paraense.

Outro detalhe: Marisa (tão bem definida pelo nosso coleguinha Aguinaldo) deu um verdadeiro **show** de intelectualidade quando apresentava seu monólogo. Eis que algumas bichas, pouco preocupadas com a sua intelectualidade, resolveram agredir a grande estrela. Marisa, que não leva desaforo para casa, respondeu à altura. "As bichas que não têm capacidade de entender o que é importante para o público guei exigente e intelectual que se retirem; a porta está aberta". (**AA**)

Bixórdia

Recados para LAMPIÃO

Uma das bolações mais quentes do divine Luiz Garcia para a sua Gueifieira é, sem dúvida, o quadro de "recados para LAMPIÃO": uma enorme folha de cartolina, com uma caneta Pilot (a mesma da Censura) pendurada do lado, na qual os freqüentadores do Cabaré Palace podem escrever, à vontade, suas mensagens para o jornal. Algumas preciosidades escritas já na primeira noite (a folha de cartolina ficou lotada de "recados"): "LAMPIÃO é gostoso, inteligente, e me faz um bem enorme (a) Jorge Alberto"; "Emancipem o homossexual e estabeleçam seu código de ética". "Já podemos ser mãe (a) Ary Kern". "Quando LAMPIÃO acender, cuidado com a tocha, pra não queimar o editor..." "Reivindico a emancipação para os andróginos". "Claudete Babalu é o amor de Luiz". "Valkiria Valasquez: com amor ao LAMPIÃO 79". "LAMPIÃO já morreu e não sabe (a) Chocho". "LAMPIÃO vive e viverá sempre! (a) Clarice Vermont" (escrito bem ao lado da frase anterior). "Betina: salute 79". "Uh! Uh! Uh! Uh!". "Jorge Maurício esteve aqui. 3h30m da manhã". "Eu estou amando muito" (escrito dentro de um coração). Desenhos, foram feitos muito poucos. E um detalhe importante, para quem imagina que a cabeça do pessoal guei vive cheia de porcaria: nem um só palavrão. A parede de "recados para LAMPIÃO" vai continuar, segundo Luiz Garcia. Vamos publicar, no próximo número, os melhores recados do mês. Afinal de contas, essa bolação é a maior bixórdia!

Quatro criaturas mais afoitas (entre elas uma moça hetero) resolveram vender o Nº 12 do "Lampião", no intervalo de "Bixórdia". Foi uma verdadeira pesquisa de mercado: dois dos vendedores (mais entrados em anos) passaram pouquíssimos jornais, e assim mesmo quase à força. O mais jovem não só vendeu toda a cota que lhe foi destinada como recebeu diversos convites para drinques e propostas para que colocasse no exemplar vendido o seu número de telefone. ("Audácia!", diria ele depois, "os carteiros da ECT estão aí mesmo, todos de áspecto tão excelente que até parecem escolhidos a dedo para entregar o "Lampião" na casa das bonecas".) A moça não conseguiu transar um único jornal. Por que? Se perguntaram todos. Muito simples: é que ela não teve a coragem de subir ao segundo andar, onde se encontrava a grande concentração de meninas.

Aliás, uma constatação interessante quanto ao fato da maioria das mulheres gays quererem continuar no "closet". Foram pouquíssimas as que se aventuraram nas mesas de pista para assistirem ao show "Bixórdia". A grande maioria se refugiou nos lugares mais escuros e remotos, nas mesas mais discretas, enquanto que a rapaziada saltitava e jogava confete das primeiras filas em suas cantoras preferidas.

●●●

E por falar em caneta Pilot; a dita cuja voltou a ser utilizada, na redação do Pasquim, durante o fechamento da edição de 18.5. Só que, dessa vez, quem a manejava não era um censor, mas sim, o cartunista Ziraldo, que resolveu tirar, de um texto escrito por Sérgio Augusto, o nome do fauno que atacou a moça no Jornal do Brasil (vide matéria na página 5). Para um jornal que tanto sofreu por causa da Censura, como o Pasquim, foi uma coisa imperdoável. Na semana seguinte, no mesmo Pasquim, Ziraldo tentou se explicar, mas não deu — não dava mesmo. Qual é a tua, Zizette? De tanto ver os homens em ação aí no Pasquim acabou aprendendo? A gente gostou tanto da manifestação de mulheres na Avenida Rio Branco, que está pensando seriamente em promover uma outra, de desagravo ao Sérgio Augusto...

*Jornalista, **tia** bem posta na vida com cargo de chefia numa das maiores editoras brasileiras, o rapaz chegou com seu ar **blasé** à boite **La Cueva**, em Copacabana, disposto a tomar uns drinques, sondar o ambiente e ir logo embora, em direção a uma dessas festas sofisticadas, tipo **mistura fina**, tão comuns na ZS carioca. Eis que — em suas próprias palavras — divisa uma "figurinha tímida, encolhida num canto do salão" de quem, claro, imediatamente se aproximou. O abordado, depois dos prolegômenos de praxe, explicou que, pela primeira vez na vida vinha ao Rio, onde também estreava na vida noturna entendida. "Mas como foi que você veio parar logo aqui, no **La Cueva?**", sondou o experiente conquistador. Resposta: "Um amigo meu lá de São José dos Campos apareceu com um Jornal, o LAMPIÃO, onde vi o endereço dessa boate". Resultado: a **tia** deu logo um jeito de retirar o rico **achado** do local; casaram-se e, até o momento, a ponte-terrestre Rio-São José dos Campos-Rio está funcionando "às mil maravilhas". O fato acima foi relatado pelo próprio — e agradecido — protagonista dessa nova história de amor do século XX.*

Noite dessas, no Rio de Janeiro: **blitz** policial numa das bocas mais malditas do mundo guei, o **buraco da Maysa**, no centro da cidade. A certa altura, tomados pelo mesmo pavor, PMs, bichas e os assim chamados bofes saem do buraco em desabalada carreira, espalhando-se em todas as direções, provisoriamente esquecidos de seus papéis de repressores e reprimidos. A explicação para a correria só foi dada muito depois: é que, quando os PMs estavam no auge daquela de pedir documentos, alguém acendeu não um, mas uma caixa inteira daqueles fósforos cujo fedor faz empalidecer e sair correndo até um gambá. O autor da proeza, somente identificado horas depois — era uma boneca que disfarçava a calvície com uma incrível peruca acaju —, declarava modestamente, nas proximidades do buraco, a quem lhe perguntava como tivera aquela idéia: "Aprendi isso lendo um artigo que o Jornal do Brasil publicou sobre os vietcongs..."

Passageiros de um ônibus da Cometa, dia desses, tiveram um espetáculo extra, numa viagem Rio-São Paulo, quando um lampiônico, que viajava com um lugar vazio ao lado, não permitiu que uma mulher — que viajava no banco de trás, com um filhinho ao colo e o banco também vazio — pusesse o bebê ao lado dele "para poder descansar um pouco". Ante a resistência do lampiônico em questão, a mulher começou a xingá-lo primeiro em português, depois em espanhol, em francês, e finalmente em inglês, recebendo, em troca, respostas à altura, em todos estes idiomas. Vendo que era preciso caprichar um pouco mais na cultura, a mulher resolveu atacar em árabe; e o lampiônico, que não conhece esse idioma mas possui como madrinha uma promba-gira fortíssima, não fez por menos: respondeu em... nagô! Transformado em verdadeira Babel, o ônibus da Cometa atravessou, dessa forma, toda a Via Dutra.

Ao pedir uma audiência ao Presidente Figueiredo, o ex-Ministro (cassado) da Justiça do Governo João Goulart, Abelardo Jurema, disse que "a hora é de acender lampiões". Tudo bem, Abelardo. Só que o primeiro que acendeu fomos nós. E tá um sufoco!

TENDÊNCIAS

o show

Bubby "Mojica Marins"

Com uma longuíssima folha de serviços prestados à Bixórdia, o ator, cantor, etc. (um vastíssimo etcetera) Bubby Montenegro é essa figura mara-vi-lho-sa aí da foto. Convenhamos: com essas barbas, essas coxas, já deve ter povoado os pesadelos (ou sonhos?) de muito machão desse País. Da Bahia — onde nasceu — a São Paulo — onde atualmente pinta — fez de tudo: de shows em hospitais psiquiátricos a apresentações no cabaré Sayonara, da zona portuária de Salvador. Agora, vai estrear o musical Anjo Azul, em São Paulo. Todos lá! É ainda este mês, no Café-Teatro A Pulga.

Enquanto isso, no Rio...

Você pode ver "Norma é terna": Norma Bengell apenas)surprise!) cantando, no Teatro da Lagoa. × No Teatro Alaska, Valéria e Peri Ribeiro em "Frescuras". × Dois shows de travestis: no teatro Carlos Gomes, o "Super-gay" e no Teatro Brigitte Blair, "Mimosas até certo ponto". × Pra quem gosta dos olhos do cantor João Bosco (nós gostamos...) é imperdível o show "Linha de Passe", que ele está apresentando no Teatro Clara Nunes. × Pra quem prefere uma cantora impenitentemente heterossexual, Gal Costa está aí mesmo: "Gal Tropical" é a melhor coisa que ela fez até hoje. × No teatro, Raul Cortez e Lilian Lemertz continuam fingindo que não são um casal guei em "Quem tem medo de Virginia Woolf", de de Edward Albee)no Teatro Maison de France). × E, para quem sente uma inevitável atração por aquela famosa palavra de cinco letras que começa com M, Costinha está mostrando "O Entendido" no Teatro Serrador.

Fernando Pessoa: poeta ou "macho-man"?

Glauco Mattoso

Uma resenha da ISTO É sobre as "Cartas de amor ridículas" de Fernando Pessoa à sua namorada Ophélia, publicadas em edição brasileiro-portuguesa, adverte que "os detratores do poeta, aqueles que duvidavam da virilidade de Fernando Pessoa, vão ter que refazer seus conceitos a partir deste livro...".

Bem, acho que não é o caso de querer "reabilitar" Fernando Pessoa, nem como hetero nem como homo. Talvez fosse o caso de refazer o próprio conceito de virilidade, que não implica necessariamente em heterossexualidde nem em motivos pra detratar. Mas não se trata aqui de polemizar. De resto, algumas cartas de amor não vão esclarecer uma biografia.

Comentando a obra do amigo Antônio Botto (outro sobre cuja "virilidade" pairam "dúvidas", e que focalizaremos em breve no LAMPIÃO), diz Fernando Pessoa que "Um homem, se se guiar pelo instinto sexual, e não pelo instinto estético, cantará, como poeta, só o corpo feminino. Essa atitude representa uma preocupação exclusivamente moral. O instinto sexual, normalmente tendente para o sexo oposto, é o mais rudimentar dos instintos morais. A sexualidade é uma ética animal, a primeira e a mais instintiva das éticas. Como, porém, o esteta canta a beleza sem preocupação ética, segue que a cantará onde mais a encontre, e não onde sugestões externas à estética, como a sugestão sexual, o façam procurá-la. Como se guia, pois, só pela beleza, o esteta canta de preferência o corpo masculino, por ser o corpo humano que mais elementos de beleza, dos poucos que há, pode acumular".

Justificativa? Pretexto? Não importa. Apenas aproveitemos a deixa pra reler de Fernando Pessoa algumas passagens mais escancaradas (e escandalosas, para a época: 1915) tiradas dos longos poemas "Ode marítima" e "Passagem das horas", assinados por Álvaro de Campos. E deixemos aos estudiosos o trabalho de averiguar se este foi o menos "fingido" dos heterônimos do poeta.

PASSAGEM DAS HORAS (fragmento)

Cometi todos os crimes,
Vivi dentro de todos os crimes
(Eu próprio fui, não um nem o outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles,
E dessas são as horas mais arco-de-triunfo da minha vida).

Multiplique-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente feminino,

E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos.
Foram dados na minha boca os beijos de todos os encontros,
Acenaram no meu coração os lenços de todas as despedidas,
Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares
Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros sexuais.

Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os como que esquecidos,
E todos os pederastas — absolutamente todos (não faltou nenhum).
Rendez-vous *a vermelho e negro no fundo-inferno da minha alma!*

(Freddie, eu chamava-te Baby, porque tu eras louro, branco e eu amava-te,
Quantas imperatrizes por reinar e princesas destronadas tu foste para mim!)

ODE MARÍTIMA (fragmento)

Eh marinheiros...
Quero ir convosco...
.....
Fugir convosco à civilização!
Perder convosco a noção da moral!
.....
Sim, sim, sim... crucificai-me nas navegações
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!
Atai-me às viagens como a postes
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha
E eu passarei a senti-lo num vasto espasmo passivo!
.....
Roço-me por tudo isto como uma gata com cio por um muro!
.....
Piratas, amai-me e odiai-me!
.....
Ser o meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas p'los piratas!
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles!
E sentir tudo isso — todas essas coisas duma só vez — pela espinha!
Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais de obliqüidade das minhas sensações!
.....
A minha feminilidade que vos acompanha é ser as vossas almas!
.....
Queria eu...
Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos as vítimas
.....
Ah, torturai-me para me curardes!
.....
Piratas...
Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
Humilhai-me e batei-me!
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!
.....
Esfoladores amados da minha carnal submissão!
.....
Mas isto no mar, isto no ma-a-ar, isto no MA-A-A-AR!

Moral e bons costumes: uma questão de economia

Tanto a "moral" quanto os "bons costumes" — de conceituação altamente abstrata — nasceram e se desenvolveram ao longo da civilização humana em função de claros objetivos econômicos. Reduzindo-se essas abstrações a números e modo de produção, e fazendo-se uma análise objetiva de como evoluíram historicamente, a conclusão é simples: moral e bons costumes são fluidos: adquirem a forma da sociedade que os contém.

A história revela que tanto em 1946, quando o Brasil teve sua última legislação sobre o assunto, quanto na época bíblia, na Grécia antiga, no Egito de Cleópatra ou na Roma dos Césares, as pessoas sempre fizeram as mesmas coisas, independentemente de padrões morais de comportamento. O detalhe é que essa liberdade de fazer as coisas claramente — e estamos falando de sexo e particularmente de homossexualismo — sempre foi dada, porém, apenas às classes privilegiadas economicamente.

Em pleno obscurantismo cristão da Idade Média, o homossexualismo não causava escândalo entre nobres e senhores feudais: o adultério sim, pois este poderia causar sérios problemas às questões de Estado, já que através dos casamentos é que se faziam os grandes acordos econômicos.

Depois da Revolução Industrial, tanto faz que estejamos na época da valsa vienense quanto na do Ragtime ou mesmo na do Tico-Tico no Fubá, 1946, as elites sempre tiveram, para uso interno, suas doses elevadíssimas de liberdade sexual.

O problema da moral e dos bons costumes começa e acaba num lugar: a classe média. Dentro de toda sua caretice cearense, nossa colega de profissão Heloneida Stuart tem um momento de rara felicidade em seu romance um **O Pardal é Um Pássaro Azul**, ao colocar na boca de uma personagem, por acaso um homossexual, que "não acredito em nada, a não ser nos ricos e nos pobres".

A INVENÇÃO DA CLASSE MÉDIA

Na época feudal não existia classe média. Havia ricos e pobres. Com o desgaste dos ricos em contendas internas, foi-se desenvolvendo um sistema econômico que mais tarde evoluiu para o atual capitalismo. E o capitalismo precisa da classe média como o corpo humano precisa de oxigênio. Afinal é ela o divisor de águas — é a estabilidade por excelência. A classe média freia as reclamações das classes menos favorecidas, impedindo sempre que elas se organizem. E tem a ilusão absurda de que um dia poderá chegar a evoluir até chegar à classe A.

Reduzindo a uma pequena exemplificação, a classe média é a secretária que oprime o office-boy e impede que ele fale com o patrão diretamente para suas reivindicações e, ao mesmo tempo, a mesma secretária vai puxar o saco do chefe para mostrar aos outros que é íntima dele — e isso já satisfaz sua necessidade de status. Dependendo de seu físico, pode ser usada pelo patrão: um jantar à luz de velas e uma esticadinha a um motel ou **garçonière**.

A moral — que existe só na classe média — é de interesse político e, portanto, econômico. Afinal, ela é o freio, o limite para a contenção da classe média dentro das suas proporções. A época vitoriana, que tanto o **Lampião** gosta de citar em função de Oscar Wilde, é um exemplo vivo para esta nossa análise: nunca se criou uma classe média tão esforçada e trabalhadora, que tantas divisas deu à Grã-Bretanha para encher de ouro a "augusta vaca" Rainha Vitória. O pecado de Wilde, que o levou à prisão, não foi o fato de ser homossexual, como se pensa. Seria demasiado simplista. Tivesse ele se mantido de caso apenas com Lord Alfred Douglas, como já era há muito tempo, além de outros aristocratas, tudo estaria ótimo. Wilde foi perigoso politicamente porque abalou a moral que a superelite estava produzindo para uso externo, ou seja, da classe média, com excelentes resultados. E isso ele fez através de seus livros e, mais ousadamente, frequentando e conscientizando a classe média e parcelas das classes menos favorecidas. Seus biógrafos, embora discretos, não deixam de contar suas pegações pelos bairros pobres.

E é isso que qualquer elite, qualquer sistema governante, não admite: que a classe média seja conscientizada, porque isto representa um risco para a estabilidade do regime. Já imaginaram que coisa terrível para um regime uma secretária que não deseje sexualmente seu chefe? Que lealdade ela pode ter? Como alimentar sua subserviência?

Movimentos populares, revoluções socialistas, etc. só acontecem onde não há uma classe média forte. Ou onde essa classe média foi proletarizada por excesso de genância dos poderosos, sejam reis, príncipes, ditadores ou meros presidentes. Daí a reacionária e antológica frase da época da guerra fria: "Se eu lhe der um televisor, em pouco tempo ele deixa de ser comunista."

O CASO BRASILEIRO

No Brasil de hoje — tão contraditório — temos uma clara posição. Uma censura moribunda, baseada num código de moral e bons costumes arcaico, agride aparentemente a "liberdade de expressão" de uma minoria. Na verdade, o que acontece é que nos últimos anos a classe média brasileira se proletarizou. Quem morava em Copacabana até há dez anos atrás está-se mudando para o Méier para poder custear aluguel, comida, vestuário e colégio para os filhos. A concentração de renda encheu de poder meia-dúzia de famílias. Nessas famílias, é claro, não há escândalo nenhum, nem é "feio" ser homossexual, corno-manso, sadomasô, delirante, etc. A sofisticação dos costumes respeita a liberdade individual do outro que, por sua vez, não esfrega na cara dos demais suas preferências. É tudo natural. Só a Natureza tem suas imposições.

Ora, a proletarização da classe média e conseqüentemente o agravamento da miserabilidade de quem já era miserável — o proletariado propriamente dito — tornam essa meia dúzia de famílias, apesar de todo o ouro acumulado, vulnerável à sanha dessa "horda de famintos". E o bolo, que não foi dividido, é uma tentação para que os famintos se lancem sobre ele. O irã esta aí —e seus iguais começam a pôr as barbas de molho e rever modelos econômicos.

O que fazer então? A solução é simples: é hora de reforçar a classe média. Dá-se a ela maior participação política — controlada, é claro — e chama-se a isso "abertura". Faz-se a classe média ganhar um quinhão maior da riqueza nacional e essa mesma classe média que em 1964 marchava com Deus pela Liberdade e que agora reclama pelo seu "feijão maravilha", ao receber um pouquinho de feijão, ficará calma. De barriga cheia, a classe média faz tudo o que a elite quiser e mandar. Com isso livra-se o país do espectro do comunismo, que viria mudar não tanto as regras do jogo, mas o poder das peças — dando aos peões valor de rainha e aos bispos, cavalos etc. funções menos nobres.

Mas para manter a classe média em ordem não é suficiente encher-lhe a barriga. É preciso criar para ela a ilusão de status — e o automóvel foi um objeto dos mais felizes nesse particular. Virou símbolo. Enquanto ele pouco ou nada representava para o realmente rico, para o escriturário é motivo de insônia e sua alegria maior é quando adquire o primeiro fusquinha. Sim, também a classe média é isso: o melhor mercado consumidor do mundo. Mas isso não basta. Para que a classe se média se matenha estável, não bastan essas migalhas de riqueza. É preciso um sustentáculo psicológico, moral, humano. Daí a criação de padrões comportamentais — que só vigoram para a classe média.

A empregada doméstica vive com um homem e não é casada. Isto não causa escândalo para ninguém. A classe média torce o nariz e fala: "Coitadinha, os cartórios estão cobrando tanto!" E fica por isso mesmo. Se uma mulher colunável casa 5 vezes, a classe média pode até fingir-se escandalizada. Mas no fundo sempre há uma palavra de compreensão: "Coitada, ainda não encontrou um homem que servisse de E tenta imitá-la nas roupas, nas jóias, nos penteados. Mas tente a mulher de classe média abandonar seu marido e os filhos porque se apaixonou pelo homem que vai fazê-la feliz: é no mínimo uma piranha sem-vergonha, sumariamente excluída do seu convívio social

LAMPIÃO

No momento em que um órgão de imprensa é perseguido por uma tentativa de conscientizar parcelas não estanques da sociedade, é preciso encarar objetivamente o que está sendo feito, por quem e por quê.

É de se acreditar que as leis de 1946 ainda não tenham sido mudadas porque elas servem como uma luva aos propósitos de manter a classe média como ela é: burra e maria-vai-com-as-outras.

Não se pode culpar os executores da lei: os esbirros e semelhantes são parte integrante dessa classe média e pensam sinceramente que estão agindo em defesa da "família" e outros clichês a que a classe média atribui um valor exagerado e, claro, falso.

É preciso detectar quem mantém a lei em vigor — e por quê.

Aí entra um problema sério, no caso do **Lampião**. O homossexualismo é o alvo mais fácil que existe. Para pessoas inteligentes ser chamadas de homossexual pode ser até uma forma muito sofisticada de elogio. Para a classe média é xingamento até no trânsito tumultuado das cidades. O homossexual é um ser que, todos sabem, desenvolve com tremenda facilidade seus dotes de inteligência e bom gosto. E o homossexualismo na classe média é um perigo para a estabilidade desejada — porque ele vai desenvolver um foco de questionamento difícil de ser respondido.

Como não há interesse em dividir a classe média, é fácil jogar a classe média contra os homossexuais que vão surgindo em seu seio, reprimindo-os e marginalizando-os das mais diversas formas, seja no mercado de trabalho, sendo em repressão ostensiva às suas atividades "sociais".

E o homossexual na verdade só é democrata mesmo em questões de sexo — pois sabe que tanto entre ricaços quanto entre favelados existem belos espécimes humanos, bem dotados e tudo mais, para usar e jogar fora. Os homossexuais das super elites —, e eles são até maioria no poder, na política, nas nacionais e multinacionais — não têm interesse econômico em democratizar o homossexualismo da classe média. Desequilibraria a produção da qual se beneficiam diretamente.

Daí pode ser até um homossexual quem esteja mantendo um sistema que reprime o **Lampião**. Quem sabe?.-

O que é certo é que vai se verificar no Brasil - porque tem que ser assim — uma abertura nos planos político e econômico e um conseqüente fechamento no campo moral. E a História tem comprovado em toda a humanidade e em todas as épocas que a proporcionalidade sempre foi mantida: liberdade moral e econômica são como sol e lua: quando um aparece a outra se esconde.

SOLUÇÕES

Tudo isso pode parecer muito fatalista. Mas não é se percebermos que existe um imponderável: a Natureza. E ela tem seus próprios meios de defesa, . Aí entramos na seara ecológica de Lutzemberg. Se a espécie humana é a espécie animal mais predatória, uma das que mais se reproduz, a Natureza tem para essa espécie também sua defesa. E a tese de que o homossexualismo (quem diria, antigamente era chamado de antinatural é uma reação natural à expansão populacional, parece ter razão pois nunca em nenhum outro século o homossexualismo foi tão difundido quanto neste — justamente neste século que triplicou a população do mundo, geometricamente. O que hoje pode ainda ser considerado "minoria" (hoje em 10%) — a seguir as atuais tendências —, em breve se equilibrará e, quem sabe, tornar-se-á mais cedo do que se espera maioria de, pelo menos, 50% mais um...

Nesse dia,. certamente antes do fim do milênio, não adiantarão as repressões, pois não haverá quem possa jogar a primeira pedra. Toda a classe média será um único telhado de vidro.

O que o **Lampião** faz é simplesmente não esperar sentado por esse dia. E como todo o trabalho pioneiro, sofre pressões. Até a vitória. Aí, citando Érico Veríssimo, "ao vencedor de batatas".

Newton Martinez Cunã

De Sodoma a Auschwitz, a matança dos homossexuais

Por volta de 1933, Máximo Gorki iniciou uma série de artigos sobre o "humanismo proletário", sustentando a tese de que o homossexualismo, enquanto "ruína dos jovens", era um produto típico do fascismo e que, portanto, não tinha lugar no coração do povo. Na mesma época, outros escritores e homens políticos soviéticos liderados por Kalinim, iniciaram uma violentíssima campanha propagandística contra os homossexuais, juntando-os a todo tipo de criminosos sociais: os bandidos, os traidores, os espiões, contra-revolucionários e agentes do imperialismo. Essa tendência alcançou seu ponto alto em março de 1934, quando um decreto assinado pelo próprio Kalinim passou a considerar as relações íntimas entre indivíduos do sexo masculino como puníveis com prisão de três a oito anos, conforme a gravidade daquilo que foi então taxado e enquadrado como "crime".

Gorki escreveu: "Nos países fascistas, o homossexualismo, que é a ruína dos jovens, floresce impunemente. Já existe até um ditado na Alemanha (pré-nazista): eliminem-se os homossexuais e o fascismo desaparecerá. "Entretanto, na noite de 30 de junho de 1934 (apenas três meses após a aprovação da lei soviética que enterrava, de um só golpe, todas as conquistas sexuais libertárias da Revolução de Outubro), o Comando Especial de Himmler, a S.S., invadia a hospedaria de Bad Wesses, uma estância termal onde estava reunido o Estado-Maior da S.A., e exterminava quase todos os presentes. Em poucos dias foram eliminadas outras 200 pessoas, muitas das quais pouco ou nada tinham a ver com a S.S. ou com seu chefe, Ernst Roehm. Em função disso, Hitler dizia (em seu discurso de 11 de novembro de 1936 sobre o perigo racial-biológico da homossexualidade) que "não titubeamos em extirpar essa peste com a própria morte, mesmo entre nós", quando esse **perigo** invadiu também a Alemanha.

Em 26 de janeiro de 1938, o mesmo argumento foi repetido por Goebbels, Ministro da Propaganda, ao fazer seu primeiro ataque declarado à igreja católica, acusando-a sobretudo de imoralidade. Dizendo que os membros do clero e dirigentes das organizações juvenis católicas deveriam, se capazes, adotar a "Ordem" nacional-socialista, Goebbels afirmou: "Quando, em 1934, certas pessoas pretenderam fazer no Partido o que se faz nos conventos e entre os padres, carregando essa imoralidade para nosso meio, nós as eliminamos. Devemos ser sumamente gratos ao Fuhrer, que nos livrou dessa peste".

Mas é bastante provável que Hitler jamais teria considerado seu lugar-tenente Roehm como um monstro degenerado se este não tivesse insistido demais nas idéias radicais que todos conhecemos; acontece que sua S.A. andava pregando a necessidade de uma segunda revolução para arrasar com os capitalistas (que, em troca, cortejavam Hitler) e com o exército (que a S.A. queria substituir, contra a opinião do Fuhrer); afinal, os militares eram importantes para a constituição de uma poderosa Wermacht almejada por Hitler.

Além do mais, a milícia "privada" de Roehm passara de 300 mil homens em 1932 para cerca de 3 milhões em dezembro de 1933 e tinha sido um fator decisivo na escalada de Hitler ao poder. Roehm era um dos poucos, ou melhor, o único que podia chamar o Fuhrer de "você". E, quando alguém lhe chamava a atenção para o comportamento homossexual de seu lugar-tenente, o Fuhrer respondia com justificativas do tipo: "Ah, isso acontece sempre que as pessoas ficam muito entre os militares. Tornam-se tão idiotas quanto eles. É só colocar Ernst Roehm no seu ambiente adequado e então tudo isso acabará".

Quando finalmente Roehm foi acusado, em 1934, com base no Artigo 175 do Código Penal Alemão (que punia os atos de natureza homossexual), o partido nacional-socialista **não teve qualquer** reação negativa; ao contrário: um indivíduo que procurou tirar proveito de uma antiga relação com Roehm foi assassinado pelas S.S., enquanto Roehm era defendido e protegido por Heydrich. Mais tarde, a 30 de janeiro de 1939, ao falar sobre a **purificação moral** e a **saúde biológica** relativamente ao caso Roehm, Hitler disse: "Há cinco anos atrás, houve alguns membros do partido que se mancharam de culpa infame e foram fuzilados por esse crime". O caso Roehm foi de máxima importância na história do Terceiro Reich; serviu de modelo e inspiração permanente para a luta contra os inimigos do regime ou adversários pessoais.

O Artigo 175 foi introduzido na legislação penal alemã no ano de 1871, para punir o "comportamento homos sexual entre homens". O grande estudioso e humanista Magnus Hirschfeld lutou contra ele por muito tempo, defendendo os direitos dos homossexuais através do Comitê Científico Humanitário, ao lado de Adolf Brandt, Fritz Radzuweit e alguns mais. De todo modo, esse Artigo nunca provocou muitos problemas até o momento em que os nazistas conquistaram o poder e decidiram usá-lo como arma política e de vingança pessoal. Em 1933, houve 835 pessoas condenadas a partir de sua aplicação. Em 1934, imediatamente após o caso Roehm, o número subiu para 948; e de repente as cifras enlouquecem: em 1936 foram 5.321 os condenados; em 1939, já são enviados para os campos de concentração 24.450 pessoas acusadas de atos homossexuais.

Apesar da lei vigente, as punições contra o homossexuais tinham sido bastante reduzidas, antes da guerra 1914/18. Após a guerra, o governo constituído de partidos de esquerda também não aplicava nenhuma medida repressiva, deixando aos homossexuais a liberdade de se juntarem e se organizarem um pouco em seus bares, clubes, saunas ou através de suas revistas. Finalmente, a 16 de outubro de 1929, a Comissão Penal do Reichstag pronunciou-se a favor de uma eventual supressão do Artigo 175. Referindo-se a essa decisão, o futuro Ministro da Justiça, Frank, falou a 10 de dezembro do ano seguinte, para definir como imoral "essa tolerância que se pretende impingir a todo o povo alemão".

Apesar disso, os próprios nazistas, que tinham muitos homossexuais em suas fileiras, não apresentaram nenhuma iniciativa mais radical, nos primeiros anos de existência do seu partido.

As premissas ideológicas para uma repressão com "meios mais sofisticados" foram dadas pelo jurista Rudolf Klare, especialista do Partido Nazista para assuntos relativos ao homossexualismo; de fato, em seu livro **homossexualidade e Direito Penal**, Klare propunha um reforço das punições contra "esses indivíduos" que constituem maior perigo para "o povo, o Estado e a raça"; e sugeria a criação de **reformatórios** para as lésbicas. Referia-se também a uma "purificação completa", através do extermínio necessário de homossexuais — afirmava que "os degenerados devem ser eliminados para manter a raça pura". Parece interessante constatar que o livro em questão foi dedicado ao professor Dr. Erich Schwinge, a quem se deve "o mérito desta colaboração verdadeiramente fraterna entre professor e discípulo, sem a qual esta obra não poderia ser realizada num espaço de tempo tão breve. Eu lhe agradeço muito por isso". **Atualmente**, o Dr. Erich Schwinge é professor de Direito Público em Marburg.

Já com uma cobertura ideológica, a via legal para a repressão foi aberta no dia 1º de setembro de 1935. Na primavera desse ano, a Comissão Penal Alemã — à qual pertenciam dois juristas nazistas como Freisler e Thiersak — expusera com prudência sua opinião negativa sobre o evento endurecimento na interpretação e aplicação do Artigo 175; um de seus membros mais competentes, o professor Erich von Spach, recomendou: "O legislador deve manter a moderação num campo onde grandes investigações podem provocar grandes prejuizos". Mas na reunião do Partido em Nuremberg, Goering tocou no problema pedindo "a defesa e proteção do sangue e da honra alemã"; enquanto isso, Hitler mostrou-se favorável ao endurecimento do Artigo 175. Schaufler, Diretor Geral do Ministério da Justiça enchia-se de alegria: "Foi preenchida uma séria lacuna".

Passados 26 anos do final da guerra e da abertura dos campos de concentração (1) ainda não se estabeleceu o número exato de vítimas. Quanto aos homossexuais, poucos sobreviventes (e muito raramente) apareceram para reclamar indenizações, pagamentos ou reabilitações, inclusive porque até poucos anos atrás estavam ainda ameaçados pela vigência do Artigo 175, dependurado como uma espada de Dámocles sobre suas cabeças. Assim, a cifra oficial fala de 50.000 a 80.000 vítimas, mas provavelmente está muito longe da realidade que, como se pode imaginar, parece ser muito mais trágica. (É preciso lembrar, por outro lado, que muitos dos condenados com base nesse Artigo não eram homossexuais, mas simplesmente opositores do regime ou inimigos pessoais dos poderosos, cabendo-lhes, portanto, a acusação considerad mais degradante).

Depois de julgados e condenados, os violadores do Artigo 175 passavam para as mãos da Gestapo (a polícia secreta do Estado) e eram enviados aos campos de concentração: Auschwitz, Dachau, Neuengame, Ravensbruek, Sachsenhausen, Natsweiler, Bergen-Belsen, Fuehlsbuettel, Fosenberg e outros mais: aí eram freqüentemente castrados e mandados para os trabalhos mais repugnantes e mais pesados que acabavam acelerando seu fim: ou então tornavam-se bode-expiatório dos demais companheiros de prisão, que os maltratavam e violentavam.

Não existem muitos documentos sobre tema, especialmente pela compreensível aversão dos homossexuais em tornar pública uma perseguição que a sociedade ainda pretende justificar e perpetuar; além disso, muitos historiadores manifestaram indiferença ante o tema, por associarem os homossexuais com deliqüentes "comuns", e reservaram todo seu interesse para os presos políticos (2 milhões de vítimas), ou para os judeus (os mais duramente atingidos: 6 milhões de mortos). Outros motivos dessa ausência de dados: o método usado pelos responsáveis dos campos de concentração para esconder seus crimes e, talvez mais importante do que todos os outros, o fato de que só sobreviveram muito poucos condenados, que poderiam contar os acontecimentos com mais precisão.

Em todo caso, apesar do esquecimento a respeito, existem raros e espantosos testemunhos. Eugen Kogon, em seu livro **O Estado S.S.**, diz apenas: "Sobre o destino reservado (aos homossexuais), só se pode dizer que foi terrível: estão quase todos mortos".

O médico e escritor Classen Neudegg publicou uma série de artigos no jornal de Hamburgo, Humanistas; aí ele fala de muitos casos de que soube ou que viu diretamente: "Os homossexuais já tinham sido torturados e morriam lentamente de fome ou por excesso de trabalho, tudo com uma crueldade inimaginável (...). Então a porta da residência do Comandante se abre e um oficial do nosso grupo anuncia: "300 imorais serão reunidos por ordem". Fomos registrados e então percebemos que nosso grupo iria ser isolado numa companhia de punições mais rigorosas; soubemos também que no dia seguinte seríamos levados para uma grande fábrica de tijolos, para trabalhos forçados. A fama dessa fábrica em liquidar com as pessoas era absolutamente terrível". (A S.S. considerava o trabalho nas fábricas de tijolos como um terceiro grau de onde não se saía com vida; Kogon chama-as de "trituradoras"). Von Neudegg conta até mesmo sobre experiências com fósforo em pessoas vivas — o que lhes provocava dores "impossíveis de traduzir em palavras".

Nesses campos de concentração, os homossexuais eram marcados com um triângulo rosa sobre a manga ou sobre o peito, o que servia para distingüi-los dos presos políticos (triângulo vermelho), dos ladrões (verde), dos testemunhas de jeová (violeta), dos ciganos (marron), dos judeus (amarelo) e dos criminosos (negro). Conforme relato de uma testemunha no livro de Wolfang Harthauser **O grande tabu**, somente no período de sua permanência em Sachsenhausen, foram eliminados a sangue frio de 300 a 400 homossexuais, mortos em conseqüência dos trabalhos forçados ou porque chegavam com os ossos dos braços e pernas quebrados. Apenas no campo número cinco de Neusustrum, um terço dos prisioneiros era composto de homossexuais. Num processo contra um guarda acusado de outros cem homicídios, foi constatado que esse homem era especialista em lançar potentes jatos de água gelada contra o preso, até levá-lo à morte. Conta-se aí que suas vítimas preferidas eram os judeus e os homossexuais.

(1) Este artigo foi publicado pela primeira vez em 1972, no Boletim do Cidams, 3. Posteriormente, várias revistas e jornais do mundo inteiro reproduziram-no, sobretudo na Itália, Suiça, França e Argentina.

CARTAS NA MESA

Ecos da inquisição

Meus caros membros do Conselho Editorial de LAMPIÃO: aqui quem lhes escreve é o José Luiz Dutra de Toledo, aquele que foi queimado moralista e inquisitorialmente por alguns elementos deste conselho ante o aparecimento de denúncias quanto a "vigarices" que eu teria cometido aqui no ano passado usando o nome do jornal. Estes dolorosos fatos me foram comunicados pelo Sr. João Antônio de Souza Mascarenhas, que aqui fiquei conhecendo há um ano, precisamente, por intermédio de Francisco Bittencourt (com o qual falei após uma palestra/debate no Museu de Arte Moderna do RS.)

Primeiro, gostaria de me apresentar: sou professor (licenciado em História pela U F de Juiz de Fora em 1976), técnico em educação não formal (de base), e com oito cadernos de textos-ensaios/poemas e contos pra editar (não consigo por falta de grana).

Primeiro argumento em minha defesa: eu sou aquele que foi às boates e saunas entendidas de Porto Alegre divulgando e tentando discutir com mais gente o jornal que se lançava (maio/agosto-1978). **Segundo argumento:** neste trabalho de divulgação, fiquei conhecendo e falei c/muita gente, e dava o meu endereço e o formulário para preencher e pedir assinatura. Fui até São Leopoldo num fim de semana. Mas nunca recebi dinheiro de ninguém. Só o meu amigo N.; professor numa cidade próxima, me entregou em agosto a importância de Cr$ 160 para uma assinatura, que realmente não remeti a vocês, por deixar passar. Mas para evitar maiores julgamentos, coloquei hoje de manhã um vale postal de Cr$ 200, pra pagar a assinatura dele (Cr$ 200 e não Cr$ 160 — juros, correção monetária, UPC, alíquotas reajustáveis do Tesouro Nacional, ORTNs, etc., etc.). Os outros que me denunciaram, não confiem neles, estes são os reais "vigaristas". Agora, O **Terceiro argumento:** apesar do deslize, cometi-esperava não merecer tratamento tão rígido, rigoroso, careta, autoritário, inquisitorial, burocrático, empresarial e irracional-fascista que a mim dispensaram, ignorando a minha militância lampiônica e até aquela singela contribuição para um guia "guei" de Porto Alegre, que estamparam no nº 2. Fora os xerox, entrevista que fiz com o pessoal da Coligay, etc.

Afora todos estes grilos meus e de vocês, aqui expresso o meu amplo, efetivo, combativo, geral e inflamado pronunciamento de apoio a este jornal ante as investidas dos aparelhos repressivos, pois todo anti-fascista há de ter em mente que tanto Stalin como Mussolini, tanto Brejnev quanto Pinochet, tanto Mao quanto Franco nunca admitiram uma identidade entre arte e vida, produção intelectual orgânica e vida, abrindo sempre aquela velha dualidade;: uma moral para a imprensa, outra para a vida; uma moral pra arte, outra para a vida. Já estava para lhes escrever há muito tempo me pronunciando sobre este fato deste Estado de Fato. Mas, a semana passada, quando li no Estado de São Paulo os documentos publicados (n.r. — o documento do CIEx sobre a imprensa manica), não me senti em condições de adiar mais uma vez esta carta: tirei uma tarde para regularizar minha situação com vocês.

Gostaria que LAMPIÃO registasse o assassinato de mais um homossexual: meu tio João Macedo, em meados de março/79, em Juiz de Fora, Minas Gerais. A polícia até hoje não esclareceu o fato.

Em anexo envio o comprovante do vale postal que lhes remeti hoje pela manhã. Abraços e beijos em todos vocês e no pessoal do **Somos** também.

José Luís Dutra de Toledo — Porto Alegre.

R. — Você tem razão quanto ao tratamento "rigoroso, careta, autoritário, inquisitorial, burocrático, empresarial e irracional-fascista" que lhe foi dispensado, Zeluis. Só tem um detalhe: este tratamento não partiu de nenhum dos dez membros do Conselho Editorial deste jornal. Ao contrário, fomos tomados de surpresa com o grau de importância que a coisa tomou —, sem que fossemos sequer cientificados —, levada por pessoas que não pertencem ao jornal como até dizem discordar dele. Não é estranho tudo isso? Tudo o que fizemos, neste caso, foi mandar uma carta ao seu amigo N., tentando explicar nossa posição nessa história toda, quando as acusações já tinham deixado você para trás e começavam a nos atingir (alguém chegou a nos ameaçar: iam dar queixa à polícia, porque nós ficáramos com os Cr$ 160 que N pagara pela assinatura e não lhe mandávamos o jornal...). Com surpresa, verificamos que o próprio N nada tinha a ver com o encaminhamento do caso — simpático e gentilmente, ele desautorizou, por carta, os que o "defendiam". Foi, em suma, um autêntico rolo, provocado pelos que, tanto quanto as forças repressivas de que você fala, gostariam de ver LAMPIÃO morto e enterrado (esse gostinho a gente não vai dar pra eles, né?). Por tudo isso, não há razão nenhuma para "desexcomunhar" você, já que LAMPIÃO nunca o excomungou; excomunhões, ainda mais por via epistolar (é cômodo, né?) nunca fizeram o nosso gênero. Mande notícias sempre, tá?

O colunista ladra

Caros editores. Por várias vezes estive tentado a escrever-lhes, mas acabava me esquecendo e não o fazia. Agora aproveito para enviar-lhes esta carta, na qual pretendo fazer alguns comentários em relação ao jornal de vocês e deixar aqui o meu protesto e irritação em relação à nota publicada pelo Sr. Ibrahim Sued no jornal O GLOBO, do dia 22/04/79. Não sou, de maneira alguma, apologista de drogas, as quais condeno pelos danos físicos que provocam, nem tampouco de tais discotecas referidas na nota, as quais, dependendo de como sejam utilizadas, são bem alienantes e simplesmente a nada levam.

Mas o que interessa, realmente, é o vínculo (proposital?) que o dito colunista faz entre drogas + decadência social e homossexualismo. Diz ele que alguns homossexuais já perderam a vergonha. O que ele quer dizer? Tais homossexuais deveriam se envergonhar pela sua natureza? A nota, para mim, é de uma discriminação ostensiva e digna de repulsa, pois revolta é o que sinto em relação a estes indivíduos que desejam perpetuar a imagem do homem ou mulher homossexuais, como pessoas doentes e sinônimos de marginalidade.

O que irrita é a cilada para os leitores, armada pelo dito colunista, o qual faz um elo entre cocaína e homossexualismo. Por acaso não haveria também heterossexuais cheirando a tal da "branca de neve"? Irrita mais ainda, pois os "marginais" devem ser temidos pelos "rapazes e meninas de família", segundo o nosso prezado colunista. A atitude machista de tal homem, que se dá o direito de publicar tal nota num jornal de alcance, é simplesmente lastimável. É digno de pena observar um ser humano julgando seus semelhantes com tal arbitrariedade e despojamento.

Pois tal tipo de pensamento e de poder que certas pessoas possuem em utilizar uma folha de um jornal para publicar as ditas "amenidades", é que me levam a um grande estado de irritação. A conotação segregacionista imposta pelo colunista, em sua nota, é realmente triste, pois não acredito que seja eu o portador de uma maior sensibilidade em relação a tais comentários destrutivos, e o único a percebê-los.

Espero que tenha conseguido me expressar, pois não gostaria de ver a minha opinião transformada numa exaltação à cocaína, e discotecas mais permissivas (???). Mas é que acho que tal tipo de lugar, principalmente se for guei, dá aquela sensação de gueto, de angústia daquelas pessoas, as quais passam a noite se procurando, desfilando,e ninguém quase acaba se dando algum prazer. Além do mais, alguns se contentam com suas noitadas de fim de semana em tais lugares, quando se "assumem", para depois entrarem em suas ostras, voltando à realidade, a qual, os condena e não os aceita.

A batalha seria melhor se cada um se impusesse, exigindo respeito a si próprio, um respeito humano, à individualidade. Assim, aproveito para deixar minha crítica em relação aos portadores de frescurite e desmunhequices, as quais só ajudam a perpetuar essa imagem caricata dos homossexuais.

Por vezes, já li no Lampião referências a tal fato, mas por outro lado, são publicadas piadas, situações gastas, as quais também terminavam tendo o mesmo efeito depreciativo. Não acredito que a aceitação de ser chamado "bicha" resolva alguma coisa, pois a aceitação talvez se deva a uma tentativa de acostumar os ouvidos a tal adjetivo pelo simples fato de gastá-lo rapidamente. Da mesma forma, não aceito o fato desse jornal publicar um anúncio de filme, com a legenda sensacionalista dizendo ser um "filme para entendidos". Assim, ninguém vai pra frente. No mais, desejo expressar meu sentimento de afeição em relação ao jornal de vocês, o qual considero peça importantíssima no terreno de imposição dos indivíduos homossexuais que habitam este planeta. Força prá vocês. Um abraço.

Marco Antônio — Rio.

R. — Sobre a nota de Ibrahim Sued, vide a seção "Bixórdia", em LAMPIÃO nº 12: a gente já falou sobre isso. Mas é possível acrescentar alguma coisa: Ibrahim Sued falando contra drogas e homossexualismo? Quá, quá, quá! Você faz restrições ao anúncio do filme "Os Embalos de Ipanema". Pois bem: leia, neste número, a entrevista do diretor, Antônio Calmon. Nela, ele até fala dessa coisa de discoteca, e tem uma resposta muito boa para os que a consideram apenas um modismo, ou uma coisa alienante, ou simplesmente condenável. Quanto à palavra "bicha", o importante é que ela está deixando de ser um estigma, ou seja, ela está perdendo sua única função; por esse caminho, fatalmente cairá em desuso, você não acha? Felicidade ampla, geral e irrestrita pra você também, Marquinho.

De solidariedade

Prezados amigos: nunca soube expressar o que sinto. Ainda mais quando, o que sinto é forte e profundo. Porém, a pedido de vossa carta última, direi o que penso de LAMPIÃO, para não parecer frio ante os queridos lampiônicos. É uma publicação que fazia falta; ela preenche um grande vácuo. LAMPIÃO não é só bem dirigido e bem escrito, mas sobretudo é um abraço fraterno nessa "minoria" que por vezes é tão estupidamente criticada e maltratada por alguns, que, quase sempre, a ela pertencem, mas não têm coragem de assumir e encarar a realidade; e assim se tornam verdugos de si mesmos. Um abraço amigo aos corajosos lampiônicos (anexo o cheque referente à renovação da minha assinatura) de

O. G. N. (Galeria Ypiranga) — Rio.

R. — Você, Osvaldo, foi a primeira pessoa a inserir um anúncio no LAMPIÃO. Teu gesto não tinha nada a ver com "relações comerciais" e coisas assim: era solidariedade mesmo, e bem no comecinho do jornal, quando muita gente achava que ele não passaria dos quatro primeiros números. Agora que estamos no nº 13, a gente tem que deixar bem claro: nossa alegria tem que ser dividida com pessoas como você, que é lampiônico, tanto quanto nós.

Ensaio histórico

Prezados amigos. Não sou apenas um dos primeiros assinantes do LAMPIÃO, como também um de seus grandes admiradores. Tenho acompanhado toda a vida do jornal, me regozijei com o seu aparecimento e também sofri a angústia dos dias de repressão. Estive no Rio em janeiro e fiquei alarmado com as notícias. O número de fevereiro me deixou mais preocupado. Tive mesmo o propósito de visitá-los e comunicar-lhes o meu apoio, mas tudo ficou só no propósito, como a maioria das coisas, para um provinciano no Rio.

Sugestões? É difícil! sugerir, em especial porque não entendo de jornalismo, e creio que é difícil conviver com a "moral e os bons costumes" dos ... (autocensurado). Acho que um gênero que poderia ser cultivado pelos lampiônicos seria o ensaio histórico. À primeira vista pode parecer pedante e inútil, até um retrocesso, porém uma visão histórica da moral e dos bons costumes pode ser bastante esclarecedora. Ainda vivemos sob as trevas do monoteísmo judaico-islâmico-cristão — sem dúvida a maior desgraça da humanidade. Quem não tem conhecimento de história ou de literatura clássica, em regra ignora fatos tais como o exército dos amantes, organizado por Pelópidas e Epaminondas, a Roma de Petronius Arbiter e o casamento de Júlio César com o rei da Bitínia. Daí decorre o mito, tão decantado nos exemplos dos falsos moralistas, de que foi a putaria que acabou com o Império Romano. Preconceitos sexuais são comportamentos historicamente condicionados e fundados em valores falsos, anti-humanos, religiosos ou deturpados.

As dicas sobre as cidades brasileiras devem continuar. São ótimas. Também são interessantes reportagens sobre a sorte dos companheiros de **Lampião** na Colômbia. Eis o que ele me diz: "Dejando este tema que me saca del juicio (a repressão aos guerrilheiros do M-19), quiero comentarte acerca de esos periódicos que mencionas en tu carta. De verdad ha habido um apogeo en ese sentido, pero desgraciadamente no he tenido el gust de leer-los, pues, si los han sacado, nos los han puesto al conocimiento, o sea que ha sido muy en secreto, diría yo. Lamentandote de eso te digo que en ese sentido esto es porque se encuentra uno satisfecho y porque no? realizado. Si, se tiene mucho recelo, pues la sociedade siempre recrimina con mano de hierro. Bueno, amigo mío, espero me entiendas. Si llego a conseguir esos periódicos te los hago llegar."

Bueno, agora o mais importante: segue anexo à presente o cheque para a renovação de minha assinatura.

É MUITO FELIZ ANIVERSÁRIO, LAMPIÔNICOS!

Um forte abraço do amigo,

J.A.L. — Pelotas, RS

R. — Nada em LAMPIÃO é retrocesso, J.A; o ensaio histórico é uma boa, como é uma boa, também, a fotonovela guei (estamos programando uma que vai dar o que falar). Sobre o pessoal colombiano, você deve ter visto a seção "Badalo", em LAMPIÃO nº 12, na qual a gente dava os endereços dos jornais de lá. E quando vier ao Rio, nos procure. Abraço pra você também.

CARTAS NA MESA

Ternura e política

Feliz aniversário! Indo para o **show**, acabo de ler o número 12. Enfim a fala das moças. Identifico esta sensibilidade que vem do reprimido, o cuidado com a palavra, antes com o sentimento atrás dela. Não chegaram tarde. Chegaram no seu tempo. Bem-vindos meus votos para que a fase confessional — tão importante nas identificações interpessoais — ceda rapidamente lugar a uma ação mais política. Lembro-me aqui do lamentável Encontro Nacional de Mulheres onde se tratou da luta "maior" pela democracia, e não se falou de orgasmo, menstruação, prostituição, lesbianismo... Vocês têm um papel muito importante, enquanto mulheres e enquanto homossexuais. Sinto que o farão com brilhantismo.

Aos colegas do SOMOS, confesso que sua pouca objetividade me desaponta. Há uma sensível desorganização no movimento: "nossas trepadas eram atos políticos, a nossa atuação política deveria vir cheia de ternura..." Mas pode??? **Num** faz muito tempo um de nós foi levado em estado grave para o Miguel Couto, por agressão da turma de machinhos da Miguel Lemos, e vocês me falam de ternura, pô (por estas e por outras a espécie de solidariedade que recebemos do Pasquim no dia do aniversário do **Lampa** vem dirigido "a nossa irmãzinha"). Enquanto continuarmos identificados com o setor feminino da sociedade machista brasileira, o papel a nós atribuído será o da feminilidade, passividade, submissão, etc... Ora, se nem as feministas aceitam tal papel, por que vamos aceitá-los nós? Se pretendemos exercer livremente nossas atividades sexuais — nada políticas —, recusando um lugar de segundo escalão dentro do grupo social, não podemos cair em nenhum dos exageros: o papel do machão ou o papel de condão para o "lado de lá", nem da glorificação do **paillettê** virá o sucesso de nosso empreendimento. Resumindo, temos de lutar com as armas mais importantes possíveis, e não com as armas de caricaturas feitas por nós mesmos, ou a nós impostas. As armas? A cabeça, a conversa e união.

Chi, já falei demais e queria mesmo era dar parabéns ao **Lampião**. Até uma próxima.

Eduardo G. C. — Rio

R. — **Pode ser que haja diferenças na utilização de palavras, mas o que você diz na sua carta é mais ou menos o que está exposto na matéria do** "Somos", **Eduardo. E quando se fala em** "ternura", **não se deve confundi-la — o que é típico dos machões — com pieguice, com frescura. Ninguém deixa de ser viril por ser terno. Colocar ternura na atuação política, é isso aí: tem um livro importantíssimo sobre isso, chama-se** "O beijo da mulher aranha", **de Manuel Puig. É uma pena que nossos editores ainda não tenham chegado a um acordo com o autor, para publicá-lo no país. Mas quando isso acontecer, você verá, através do Puig, o que o pessoal do** "Somos' **quis dizer. Aguarde....**

Liberdades sexuais

Prezados Srs. do Conselho Editorial de Lampião.

a) Considerando a posição assumida por vosso mensário em defesa das liberdades sexuais:

b) Considerando que tanto o capitalismo quanto o socialismo atualmente marginalizam e reprimento as minorias sexuais;

c) Considerando que em nosso atual momento histórico as perspectivas são de uma virada à esquerda, esquerda esta que, até o presente momento, tem procurado ver as minorias sexuais por um mesmo prisma: como produtos de decadência da classe burguesa;

d) Considerando o acima exposto, venhc propor um debate amplo para além da dicotomia capitalismo/socialismo, uma vez que enquantc existir o Poder, existirá a repressão. Proponho mais explicitamente que se inicie uma discussãc sobre outras formas de se conviver em grupo, além das duas únicas alternativas que nos são apresentadas. Que se procure mostrar às pessoas as artimanhas do Poder ao apresentar apenas duas alternativas como se fossem idéias totalmente opostas para melhor classificar e, conseqüentemente, reprimir os indivíduos. Proponho, também, que se levante e defenda a tese de que a libido é anárquica e multidirecional e não, direcionada em um único sentido, idéia que nos é imposta desde muito tempo. Sugiro também, que se lance, o "slongan": PELAS LIBERDADES SEXUAIS, bem na capa do jornal. Estou certo de que isso ganharia uma maior quantidade de simpatizantes para o jornal.

Acho que seriam muito propícios, artigos sobre anarquismo existencialismo, estruturalismo e, até mesmo, sobre as possibilidades de sistemas capitalistas ou socialistas com total liberdade sexual (tem que ser ampla e irrestrita, que nem anistia).

Bem, eu estudo Matemática na UERJ e, nas horas vagas, escrevo contos e poesias. Estarei sempre ao vosso inteiro dispor, no que me for possível, podem estar certos. Confiante em que minhas sugestões serão devidamente analisadas, aqui me despeço com um abraço bem apertado em todos vocês. Um abração mesmo, que eu gosto à beça de vocês.

Alfredo R.A.F. — Rio de Janeiro.

R. — **Tuas sugestões serão debatidas na nossa próxima reunião de pauta, Alfredo. Mas como LAMPIÃO não gosta de coisas muito fechadas, ela já vai publicada, para que os leitores também possam participar da discussão. "Pelas Liberdades Sexuais" é uma ótima; entre outras coisas, a gente reabilitaria o sentido do "slogan", tão distorcido, nos últimos anos, por revistas de pura sacanagem como "Ele/Ela", "Homem", "Play Boy", etc...**

Olha o roteiro!

À direção do "Lampião. Conheci este jornal e estou me interessando por ele. Tanto que pedi uma assinatura anual e já enviei a vocês o vale postal de Cr$ 210,00. Mas o motivo desta é pedir-lhes o grande favor de me enviarem endereços de pontos de encontro (clubes, discotecas etc.) de pessoas homossexuais femininas. Evidentemente, acho desnecessário acrescentar, de lugares sérios, isto é, de pessoas conscientes e responsáveis, a fim de compromissos sérios. Desculpem este acréscimo, mas como poderão compreender, a gente tem que se precaver não só nisto, como em tudo o demais. Aguardo sua colaboração e desde já agradeço o envio do que lhes solicito.

Marialuísa — Rio.

R. — **Alvíssaras, Marialuísa e tantas outras que nos escreveram pedindo este bendito roteiro. Ele está neste número, coruscante, ainda limitado a Rio e São Paulo, mas com promessas de ampliação e abertura (ampla, geral e irrestrita, naturalmente). Pequenos comentários sobre cada local permitem que as possíveis frequentadoras escolham os que melhor lhes convêem. Não é ótimo? Aproveite.**

Pro que der e vier

Pessoal amigo do Lampião. Hoje estourou a greve dos motoristas e não tive como sair de casa para o útil/fútil do cotidiano. Que bom. Me pego relendo o **Lampião** e sinto que devo escrever prá vocês. Prá dizer que estou com vocês, pro que der e vier. Dar força pro jornal, que está muito bom. Pra dizer que bom que **Lampião** não é apenas guei, que **Lampião** também é qualquer problema humano de interesse. Estou feliz por existir **Lampião**, único no gênero, o resto ou é muita viadagem ou muito machismo. E as coisa, na realidade, não são bem assim. Vocês estão sabendo.

Lampião está aí e faço, sempre, uma divulgaçãozinha, no que posso, entre amigos, gueis e não-gueis. No trabalho, na escola etc., mostro o "da Esquina" pra todos, e não há malho, se tiver, o malho perde-se no primeiro diálogo. Por falta de argumento.

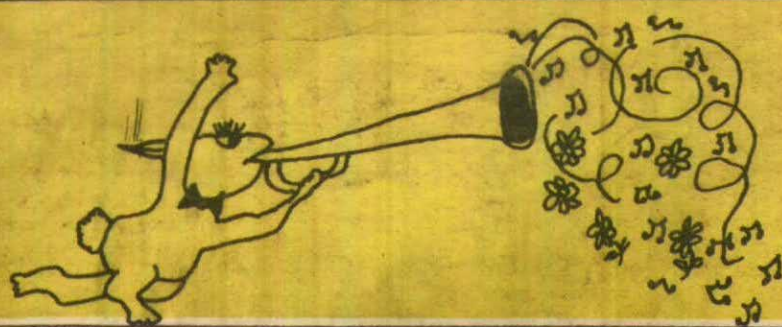
Tenho 24 anos, trabalho no Shopping City News, estudo jornalismo na Casper Líbero e faço poesia, escrevo coisas, textos, histórias e estórias. Mando pra vocês uma história que escrevi noutro dia. Tá aí. Se quiserem, acharem que vale a pena, publiquem, tá legal? É um texto feliz, neste dias de tanta amargura. É um texto onde eu me vejo feliz e inteiro, eu e o cara que amo. É um texto fora do comum porque fala de felicidade. Breve porque feliz.

Isso aí. Esta carta é tão relaxada assim por que é tão verdadeira! Parece até o Caetano cantando Carolina... Um abraço e força total prá vocês, continuem se espalhando.

Wanderley Sanches — São Paulo

R. — **Obrigado pela divulgaçãozinha, Wan; a gente precisa muito dela. Se você puder mandar o pessoal comprar o jornal, melhor ainda. O seu conto está sendo lido pelo pessoal aqui da casa; a gente está querendo reformular a parte de literatura, pra dar um jeito de encaixar textos de leitores. Aguarde.**

Pra Iara Reis

Atenção, Iara Reis: não deu pra publicar tua carta nesse número, porque são 60 centímetros de texto (pra você ter uma idéia: todas as cartas publicadas nesta página somadas, dão 72 centímetros). Ela teria que ser editada, mas, como é um assunto muito polêmico, a gente prefere que você mesma faça esse trabalho. Não dá pra diminuir uns 20 centímetros (40 linhas)? Se não, a gente vai ter que deixar de publicar outras cartecas de leitores pra só publicar a tua, e isso é muito chato.

A festa que abriu os anos 80

AGUARDEM O APOLO DE OURO

Fotos: Ana Vitória

Bixórdia

(PÁGS. 12 - 13)

Dimitri Ribeiro